N.º 10 / JULHO 1972 / ANO II

revista da ARMADA

10 de Junho / Dia da Raça

sumário

		Pág.
M. do Vale	**Nota de Abertura**	3
J. Espinheira	**«Saban»**	4
M. Horta	**Efemérides Navais**	5
S. Elpídio	**Perguntas... Com Cocha** **Respostas... Descochadas**	5
P. Caneiras	**Outro Caminho...!**	6
S. Elpídio/A. Chuquere	**A Pátria Honrai**	7
S. Elpídio	**Medalha Comemorativa do 1.º Centenário do Almirante Pereira da Silva**	8
O. Lemos	**Bibliografia**	9
O. Lemos	**Ciências, Artes e Letras** A Propósito de uma Exposição *– 20 Anos de Arte Francesa*	10
M. Sousa	**Barbas e Cabelos**	13
S. Elpídio	**Saibam Todos**	14
Redacção	**Voz da Abita**	14
A. Chuquere	**Notícias Pessoais**	16
Redacção	**Curiosidades**	17
O. Lemos	**Dia da Marinha**	18
R. Coentro	**Porto Santo, onde um dia Zarco...** A Ilha Dourada	20
G. Brandão/A. Pinto	**Filatelia**	21
P. Caeiro	**Desportos**	23
S. Elpídio	**Reportagem**	25
C. Junça	**No Mundo Aconteceu**	30
S. Machado	**Quarto de Folga**	32

REVISTA DA ARMADA

Publicação Oficial
do Ministério da Marinha

Director e Editor:
Comodoro António Júlio Malheiro do Vale

Orientação gráfica:
Hernani Lopes

Publicação mensal

Propriedade
do Ministério da Marinha

Redacção e Administração
Ministério da Marinha
Praça do Comércio
Telefone: 36 89 60

N.º 10/JULHO DE 1972/ANO II

Preço de venda avulso 3$00

Assinaturas anuais:

Continente e Ilhas 24$00
Ultramar e Brasil
(Via marítima) 26$00

Na capa:

10 de Junho/Dia da Raça

DIA DA RAÇA
Desfile de Estandartes Militares

Execução gráfica:
IMPRIMARTE, Publicações e Artes Gráficas, S.A.R.L.

nota de abertura

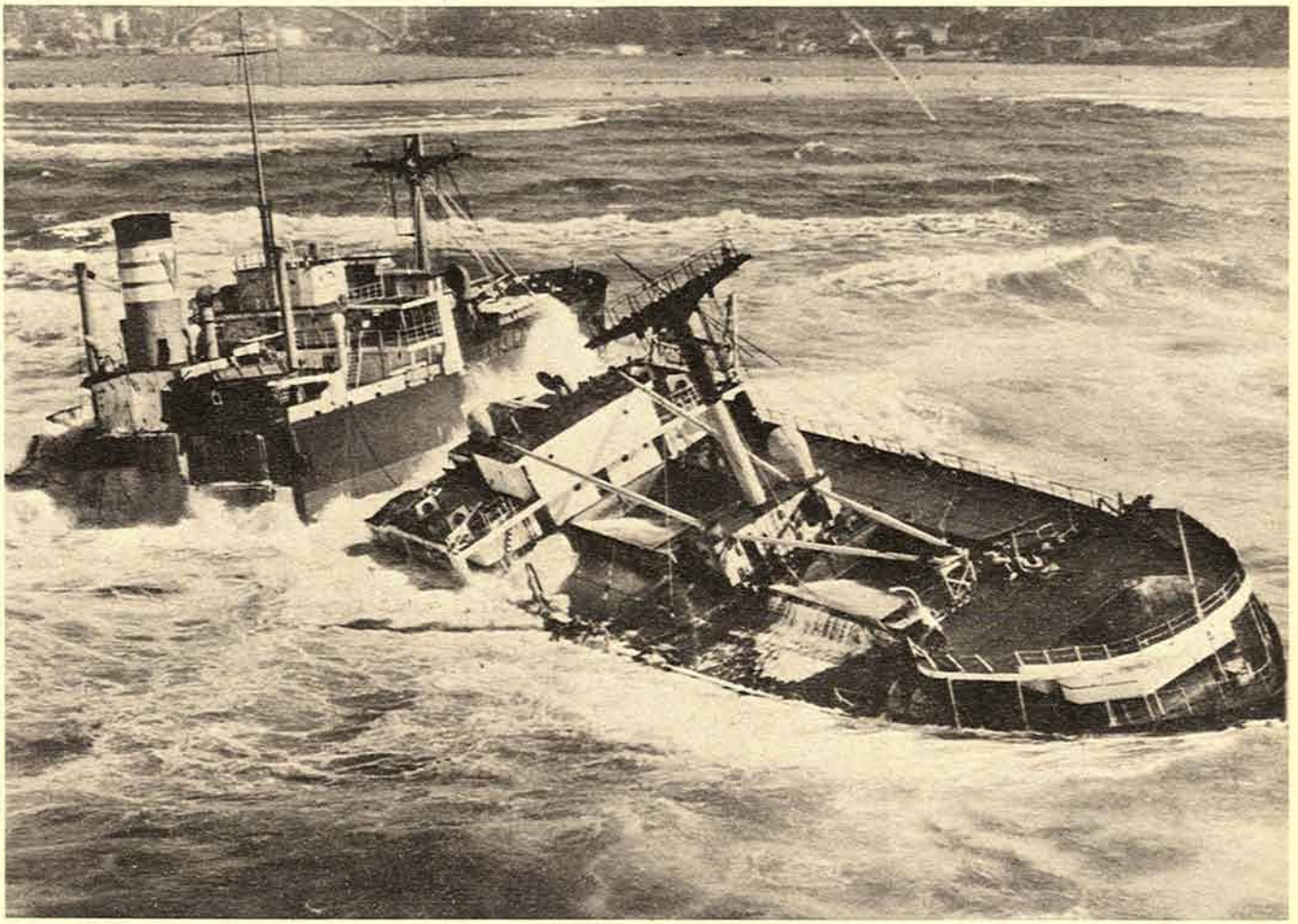
ANIVERSÁRIO

Com a publicação deste número a nossa Revista faz um ano. Nas respectivas instalações, no 2.º andar da «Nau de Pedra», juntámo-nos todos os que nela trabalham – seis oficiais, um sargento-ajudante e um marinheiro de abastecimento – para festejar o evento.
À volta de uma grande mesa, no centro da qual estava um bolo enfeitado com flores de açúcar e uma vela, cantámos o «parabéns a você, nesta data tão querida». A seguir soprei a vela ao som de palmas e vivas da assistência. Finalmente, comemos o bolo e bebemos uma taça de champanhe.

Creio que nos não levarão a mal se dissermos que estamos satisfeitos com o trabalho realizado. Muito satisfeitos mesmo! A nossa Revista não «faliu» como alguns «velhos do Restelo» profetizavam. Pelo contrário, cada vez recebemos mais provas de estima e consideração que nos desvanecem e servem de estímulo para prosseguir, sempre com o mesmo objectivo: consolidar a amizade e a compreensão entre todos os que servem a Armada, fomentar o entusiasmo e orgulho pela profissão e prestar o culto devido aos que por seus feitos «a Pátria honraram».
Não nos desviaremos deste rumo e continuamos de portas abertas a quantos queiram ajudar a torná-la cada vez melhor, cada vez mais digna das nobres tradições de que somos legítimos herdeiros.

M. dos Santos

"SABAN"



A sublime tentação do rio! Precursor do sonho e da tragédia, para os que, como eu, diàriamente o viam, passando, ora meditativo ora agreste, por entre ladeiras abruptas e apertadas até encontrar o mar.

A paisagem rude que o envolvia moldara-a ele, que incutira na personalidade dessa paisagem o traço dominante da sua força.

De Inverno tornava-a agressiva, na Primavera, pelo crepúsculo, dulcificava-a, mantendo-a todavia sempre selvagem, entre fragas, rochedos, areais, curvas, contracurvas, beijando-a e morrendo finalmente de encontro ao mar numa cidade granítica, pejando-a de lendas, tragédias, histórias.

Apaixonados pela beleza, pintores, cineastas, poetas, tentavam fixar num esboço fugaz e cintilante algo da essência sublime e etérea que se desprendia da sua expressão de vida, luz e cor, mais mistério, lenda e sonho.

Passeei pelo paredão, últimos metros do seu curso (a seguir era o mar), onde se erguia um farol, que de noite cintilava, sem cessar, planos de advertência para marinheiros e pescadores, para os homens do alto mar.

Naquele local muitos navios se sepulcraram atraídos pelas ondas envolventes, que os despedaçavam contra os penedos bravios e agrestes.

Assisti numa madrugada a um naufrágio! Chovia abundantemente.

Trazido pelo vento, pela fatalidade, o «Saban», navio jovem de um longínquo país, penetrou por entre aqueles areais submersos e quedou-se de encontro às rochas, encravando-se na penedia.

Sentindo a gravidade da sua sorte, num assomo de vontade, porque ainda havia esperança, todas as fibras se encresparam para que o hélice o libertasse.

O casco rangeu pela força convulsiva das ondas e do motor, que opostamente lutavam, luta hercúlea e decisiva.

As máquinas fumegavam imprimindo toda a força para que o navio se afastasse, mas as ondas, desabridas de raiva, espumavam e aconchegavam-no por ironia ao leito de morte e pedra.

As luzes altaneiras, todas acesas, garantiam a sobrevivência do espectáculo, indiferentes aos baques do casco

que eram o mais altissonante S.O.S.
Sùbitamente, fora vencido, caíra, baqueado por um tremendo golpe.
Uma onda torcera-o, outra, qual ciclópica martelada, abriu-lhe o bojo, por onde a água entrou furiosa, conquistando-o.
Houve um estampido, não um grito de morte, mas ainda uma reacção...
Por segundos, todo o barco espelhou na noite a altivez da sua geometria, rendendo-se após, engolfado pela escuridão que também o queria morto.
Exangue, em toada plangente, agónica, desesperada, todas as débeis forças se concentraram num sopro de sereia, súplica ou adeus, até aborrecer ou comover o mar. Por fim, uma vaga alterosa, silenciou o débil ronco de despedida e levou ainda um cãozito, que amiude passeava pelo convés, em noites de luar, nas longas jornadas pelos mares do mundo.
Quando o dia ropeu, o mar, mais calmo, parecia arrependido da façanha nocturna.
Adornado, derrubado, com a expressão fria de todos os cadáveres, o agónico navio enfrentava as ondas com a inconsciente serenidade das coisas mortas.
Pelo areal, salpicado de destroços, vultos esfíngicos, apavorados, os marinheiros do «Saban» olhavam o seu barco. Eram marinheiros, chamavam-lhe náufragos...

J. Espinheira
1.º gr. FZ

EFEMÉRIDES NAVAIS RELATIVAS AO MÊS DE JULHO

Em 21 de Julho de 1337, uma esquadra portuguesa de 30 galés, sob o comando do almirante Manuel Peçanha, trava combate com a esquadra castelhana, de 40 galés, do comando do almirante Tenório.

Em 10 de Julho de 1499, chega ao Tejo o navegador Nicolau Coelho, podendo anunciar, em primeiro lugar, o êxito da empresa de Vasco da Gama – a descoberta do caminho marítimo para a Índia.

Em 19 de Julho de 1716, uma armada comandada pelo conde de Rio Grande encontra os turcos ao largo de Matapão e, colaborando com 2 naus da Ordem de Malta e 1 fragata veneziana, alcança uma grande vitória sobre eles.

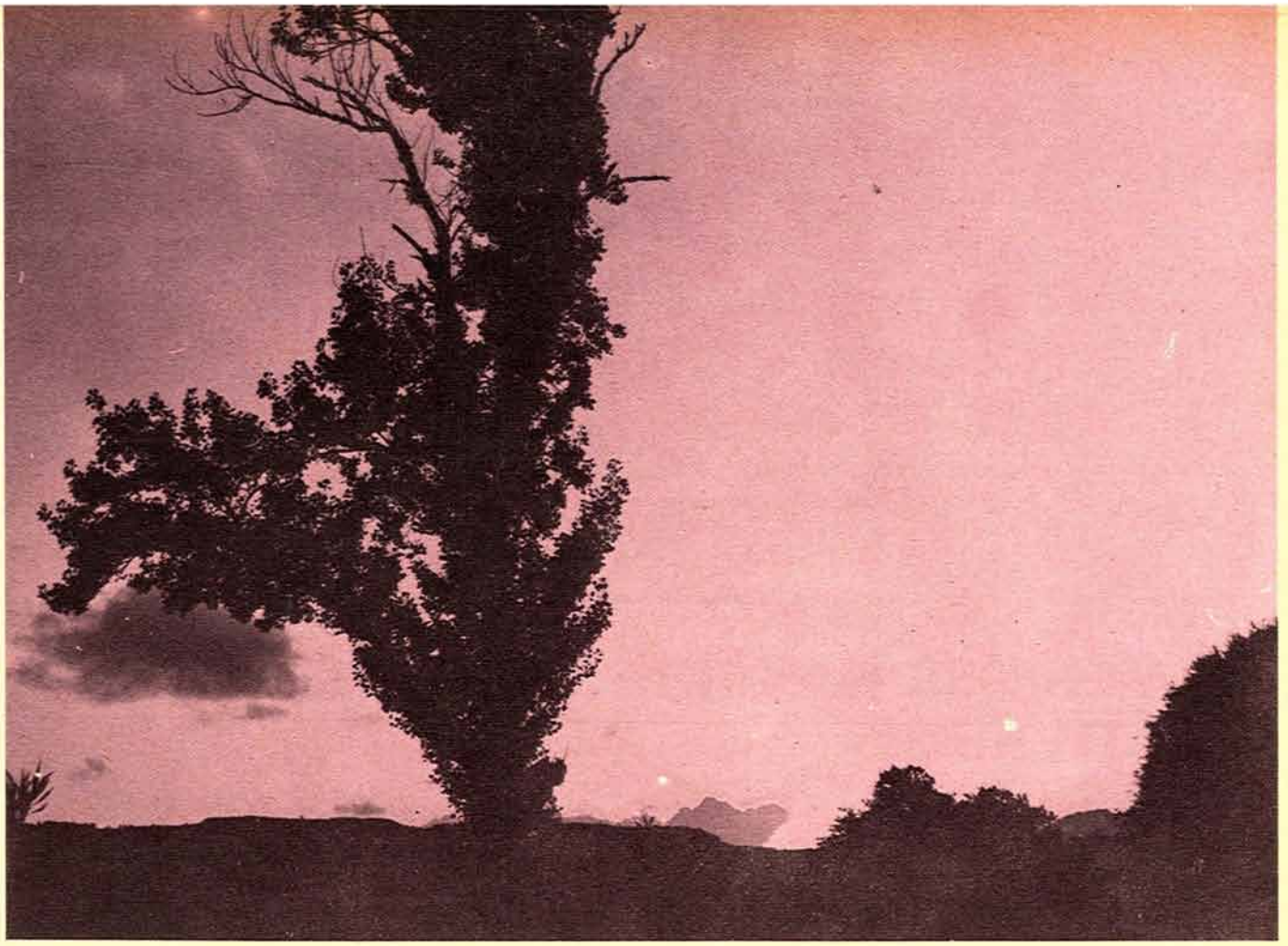
Em 1 de Julho de 1929, morre em Tokoshima, no Japão, onde os seus restos mortais são incinerados segundo o ritual budista, Wenceslau de Moraes, brilhante oficial da Armada e ilustre escritor prosador orientalista.

Perguntas... Com Cocha

1 – Acusar a voz é imputar-lhe qualquer falta?
2 – E acusar um cabo é considerar que ele prevaricou?
3 – Quando o navio adormece é porque tem sono?
4 – E quando está adornado que enfeites usa?
5 – Aduchar-se é tomar banho de chuveiro?
6 – Afeiçoar o pano é fazer com que ele seja dedicado?
7 – Se se afoga o remo ele morre asfixiado?
8 – E se o navio se afoga, quem é que lhe acode?
9 – Quando o navio se afronta teme o seu adversário?
10 – Navio à garra vai agarrado?

Respostas... Descochadas

1 – Acusar a voz é repetir a voz de comando que foi dada.
2 – Acusar um cabo é alá-lo à medida que o mesmo fôr folgando.
3 – Diz-se que o navio adormece quando permanece afocinhado ou adornado por acção do vento ou do mar e em risco de perder a estabilidade.
4 – O navio está adornado quando se encontra inclinado transitóriamente para qualquer dos bordos, também por acção do vento ou do mar ou por existência de maior peso num dos bordos.
5 – Aduchar-se significa acomodar-se, acostar-se, encolher-se num sítio, termo usado por comparação com a acção de colher um cabo em voltas circulares, sobrepostas sucessivamente.
6 – Afeiçoar o pano consiste em ajeitá-lo à verga de maneira a que melhor receba o vento e assim produza bom rendimento.
7 – Afogar o remo é mergulhar este demasiadamente durante a remada; em gíria naval também é usada esta expressão para exprimir o cometimento de uma falta disciplinar.
8 – O navio afoga-se quando mete a proa muito na vaga.
9 – Por sua vez, afrontar-se é suportar mal os mares, deixar-se afogar e enxovalhar pelos mares.
10 – A embarcação ou navio vai à garra quando, pelo facto de não ter unhado ou se ter desunhado a âncora ou partido a amarra, fica à mercê da corrente ou do vento.



(Foto de L. C. Gaspar)

OUTRO CAMINHO...!

É preciso que
As estátuas andem
As árvores floresçam
As pedras falem
E as margaças perfumem os ares.

É preciso que
Os pântanos sequem
As sementes germinem,
Os fumos se extingam e os pássaros voltem a cantar.

É preciso que
Os montes baixem e os vales se levantem
E as madressilvas trepem e abafem as choupanas.

É preciso que
A terra não gema mais, se quebrem e engrossem as
[correntes
E as fontes não saciem chacais.

É preciso que
A água, jorrante e em catadupas
Ensope os penhascos e as flores
– Todas as flores –
Que tu e eu pisamos se levantem contra nós e cresçam
[por todo o lado.

Há flores para florir.
Há cardos para ceifar.

É preciso que
As crianças não chorem e
As muralhas de cada homem sejam fendidas pelas rajadas
[do amor.

É preciso que
Não haja corpos leiloados,
Nem mãos ensanguentadas,
Nem flores adulteradas.

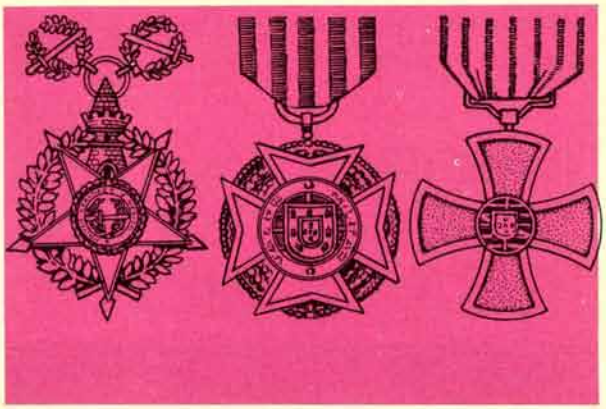
É preciso que
Os mortos se levantem e nos indiquem
O verdadeiro caminho.

Há flores para florir.
Há cardos para ceifar.
Em cada um de nós.

É preciso,
É preciso outro caminho
Para TODOS NÓS.

Palma Caneiras
3.º oficial

a Pátria honrai



No decurso de importante operação realizada na província de Moçambique, o marinheiro fuzileiro especial n.º 691/67 JOAQUIM GONÇALVES agiu valorosamente, evidenciando espírito de decisão, coragem, abnegação e serena energia debaixo de fogo, qualidades que o tornam justamente merecedor da Cruz de Guerra de 4.ª Classe que lhe foi atribuída.

Achando-se a sua unidade, o Destacamento N.º 5 de Fuzileiros Especiais, empenhada na realização daquela operação, o marinheiro GONÇALVES, que pertencia a um grupo destacado e restrito de fuzileiros, ao aperceber-se de que um camarada isolado se encontrava sob intenso fogo inimigo, correu para a zona de combate e ajudou-o a dispersar os guerrilheiros, demonstrando assim ser possuidor de forte presença de espírito aliada a uma grande coragem e sangue frio.

N. R.: O marinheiro fuzileiro especial GONÇALVES é natural de Vilar Barroco, concelho de Oleiros, distrito de Castelo Branco.

CRUZ DE GUERRA

1.ª classe

1.º-ten. Carlos Saraiva da Costa Pecorelli – Guiné (1970)

2.ª classe

1.º ten. FZ José de Almeida e Costa Cardoso Moniz – Moçambique (1970)

3.ª classe

2.º-ten. RN Raul Henriques Cardoso Sena Belo – Moçambique (1969)

2.º-ten. RN João Manuel Sarmento Coelho – Angola (1969)

5442/1.º-sarg. FZE – Domingos da Costa Pereira – Moçambique (1969)

1449/64/Mar. FZE – Manuel Francisco Navalha – Guiné (1970)

4.ª classe

4723/1.º-sarg. FZE – José Maria da Conceição Gonçalves – Moçambique (1970)

632/64/C. FZE – Mateus Delgado – Guiné (1970)

905/66/Mar. FZE – Ramiro Marques Antunes – Moçambique (1970)

1652/64/Mar. FZE – José Hilário Silva Santos – Moçambique (1970)

medalhas comemorativas

Em seguimento da intenção de se levar ao conhecimento dos leitores da «Revista da Armada» os elementos respeitantes às medalhas comemorativas que desde 1969 o Ministério da Marinha tem mandado cunhar em homenagem a figuras de relevo da Armada ou acontecimentos históricos notáveis em que ela interveio, vamos hoje dar divulgação à que foi emitida no passado ano de 1971:

MEDALHA COMEMORATIVA DO 1.º CENTENÁRIO DO ALMIRANTE PEREIRA DA SILVA

Memória descritiva

Anverso

Ao centro, no campo da medalha, o retrato do almirante.
À esquerda e à direita deste, as datas do nascimento e da morte.
A circundar, a legenda ALMIRANTE FERNANDO PEREIRA DA SILVA.
À esquerda, em baixo, a assinatura do autor.

Reverso

Composição tendo como figura principal a representação do primeiro navio-escola «Sagres» e ao fundo, em planos secundários, a silhueta de navios de guerra da época.
A circundar, as legendas HOMENAGEM DA MARINHA DE GUERRA, na orla superior e na inferior 1871 – PORTUGAL – 1971, datas que assinalam a comemoração do I Centenário do Nascimento.
Estas duas legendas são intercaladas por três pequenas âncoras de cada lado.

Notas biográficas

Fernando Augusto Pereira da Silva nasceu em 13-1-1871 e morreu em 3-11-1943. Alistando-se na Armada em 1889, percorreu todo o Ultramar e visitou grande parte do Mundo.

Assumindo, em 1923, a gerência da pasta da Marinha, iniciou uma obra que há muito idealizara: dotar o País com uma Armada condigna, tarefa a que se dedicou com o maior afinco. Na verdade, foi ele o precursor do ressurgimento naval, começando por pôr as dez inúteis e abandonadas

unidades de que na altura se dispunha, a navegar e por forma a terem a máxima eficiência; depois constituiu o primeiro agrupamento de navios para a viagem de circum-navegação do continente africano, reforçou o nosso poder naval no Extremo Oriente, criou um centro de aviação naval em Macau e mandou executar ao largo da barra de Lisboa os primeiros exercícios de bombardeamento aéreo; preparou a base naval de Vila Franca de Xira para as esquadrilhas de torpedeiros e contratorpedeiros e, em 1925, organizou um largo período de manobras nas costas do Norte e do Sul do País, executadas por uma força naval formada por 21 navios. Elaborando um programa de renovação da Armada e apresentando-o ao Parlamento, nele preconizava, além da construção de um navio-escola, a de 14 unidades de superfície, 8 submersíveis e duas esquadrilhas de hidro-aviões.

Foi a grande reorganização de serviços levada a efeito por Pereira da Silva, a pedra angular do ressurgimento da Armada; deixando de ser ministro, continuou ao seu serviço, no desempenho de diversos cargos importantes, passando à reserva em 1933, situação em que foi, mais tarde, promovido a contra-almirante.

Escreveu sobre assuntos navais e de política internacional, tendo valiosa colaboração dispersa nos «Anais do Clube Militar Naval», «Revista de Marinha» e «Revista Militar».

bibliografia

DA ABITA, por comandante Joaquim Costa

Em edição comemorativa do I Centenário dos «Anais do Clubbe Militar Naval», fez o comandante Joaquim Costa publicar, a expensas suas, o livro «Da Abita». Nele se reunem histórias, episódios e contos de temática naval, em que o autor revive ou cria flagrantes da vida de bordo e histórias em que o mar, o marinheiro, a Marinha ou o Ultramar estão presentes e que são um deleite para todos aqueles a quem a vida do mar sempre diz alguma coisa. O comandante Joaquim Costa, é, sem dúvida, uma figura conhecidíssima dos oficiais da sua geração e até mesmo dos mais novos. Esperamos, no entanto, que este livro o torne também conhecido entre os restantes membros da corporação. Apesar de retirado, há muito, do convívio da Marinha, e residente no Brasil, manteve e continua mantendo com ela laços de amizade que o fazem, por assim dizer, sempre presente junto de nós. O Comandante Joaquim Costa, destina o produto da venda deste livro ao reforço do fundo do Prémio Marinheiro Artilheiro António Ferreira, a atribuir anualmente aos melhores estudantes, filhos de praças da Armada.

OS CLANDESTINOS, por Fernando Namora

Em edição da Europa-América, o novo livro de Fernando Namora pretende fazer a análise do Homem total, num jeito que vem sendo uma nova faceta da sua arte de escrever.

Sendo talvez o seu melhor livro, Fernando Namora como que decantou nele nove anos de meditação e análise. Pelo apuro técnico e beleza de escrita, supera tudo o que até agora fizera publicar.

O ritmo é estonteante e a dualidade presente-passado, explorada em sucessivos instantâneos suscitados e ligados por estímulos vários, quer sejam ruídos ambientes, objectos ou visões... A análise agarra e traz ao de cima a essência do Homem, peneirando-a das aparências que a ocultam. É um livro arrojado, mas de grande beleza, destinado a um lugar de primazia na moderna novelística portuguesa. Deslumbra tanto quanto oprime, entenebrece tanto quanto ilumina; é cruel e ao mesmo tempo de uma humanidade tocante. O discurso e a palavra adaptam-se e acentuam essas mudanças de ritmo, de cor e de intensidade. Belo livro «Os Clandestinos»!

A MORTE DO PALHAÇO E O MISTÉRIO DA ÁRVORE, por Raul Brandão.

A Verbo lançou num livro único estes dois humaníssimos contos de Raul Brandão, sem dúvida duas das mais belas produções da sua pena.

SERRA MÃE, por Sebastião da Gama (Poesia)

A Ática acaba de lançar a 4.ª edição do célebre livro de poemas de Sebastião da Gama «Serra Mãe». «Serra Mãe» é já uma obra cimeira no panorama da poesia portuguesa.

O MEU PRIMEIRO LIVRO DE AVIAÇÃO E PILOTAGEM, pelo comandante Sousa Machado

No âmbito da colecção «Livros para a Juventude», a Verbo acaba de publicar mais esta obra da autoria do comandante Sousa Machado.

O. Lemos

A BIBLIOTECA DA MARINHA DO BRASIL OFERECE IMPORTANTE COLECÇÃO DE DOCUMENTOS ANTIGOS AO MINISTRO DA MARINHA

Em requintada embalagem de pele, foi oferecida ao ministro da Marinha, aquando da sua recente estada no Brasil, uma muito importante colecção de documentos antigos, assim composta:

«Memórias compostas pelo tenente-general Barão de Castello Novo»;
«Ensaio Fizico e Politico da Ilha de São Nicoláo – António Pusich»;
«Nova Memoria sobre o projecto do encanamento do Rio Lima – José Auffdiene»;
«Descripção e Desenhos de alguns novos Alambiques proprios para a distillação da agoa do Mar – Antônio de Araujo Travassos»;
«Formules générales des inegalités planetaires»;
«Memoria sobre a Carta Hydrographica do Golfo Adriatico – Marino Miguel Franzini»;
«Memoria sobre a Carta Impressa e Planos por Imprimir das Ilhas de Cabo Verde, de Francisco Antonio Cabral – Manoel do Espirito Santo Limpo»;
«Notas à Segunda Memória Hydrografia de Francisco Antonio Cabral»;
«Principios para Instrução de Cavallaria – 1803»;
«Observaçoens sobre o Ensaio Fizico e Politico da Ilha de S. Nicoláo feito em 1803 – António Pusich»;
«Memoria sobre a economia de matérias combustiveis – Antônio de Araujo Travassos»;
«Livro do Tombo do Real Pinhal dos Médos, cito no Termo da Villa de Almada – 1799».

As obras mencionadas, que foram agora entregues à Biblioteca Central de Marinha, encontram-se à disposição dos estudiosos para observação e consulta.

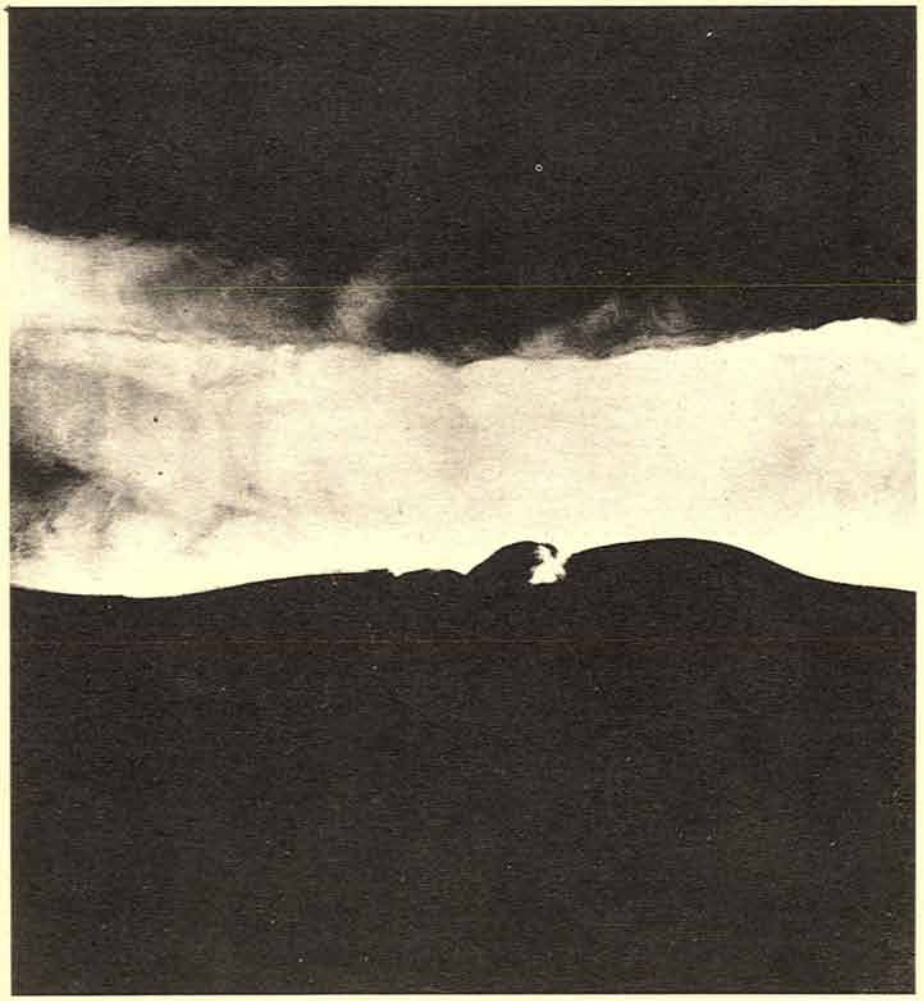
SUA EXCELÊNCIA O PRESIDENTE DO CONSELHO PRESIDE NO CENTRO DE ESTUDOS DE MARINHA A UMA SESSÃO EVOCATIVA DA TRAVESSIA AÉREA DO ATLÂNTICO SUL

Sob a presidência de Sua Excelência o Presidente do Conselho, efectuou-se no dia 17 de Maio uma sessão comemorativa do cinquentenário da travessia aérea Lisboa-Rio de Janeiro.
A ladear Sua Excelência o Presidente do Conselho na mesa da presidência, viam-se o ministro da Marinha; o secretário de Estado da Aeronáutica, brigadeiro Pereira do Nascimento; o presidente do Centro de Estudos de Marinha, contra-almirante Sarmento Rodrigues, e os presidentes das secções de História Marítima e Artes, Letras e Ciências, professora Virgínia Rau e engenheiro Rodrigues dos Santos, respectivamente.
Abriu a sessão, em nome de Sua Excelência o Presidente do Conselho, o contra-almirante Sarmento Rodrigues, tendo-lhe seguido no uso da palavra a professora Virgínia Rau, após o que o engenheiro Rodrigues dos Santos proferiu a sua comunicação perante assistência numerosa e interessada. Sua Excelência o Presidente do Conselho encerrou a sessão com palavras de apreço e entusiasmo à actividade desta instituição cultural do Ministério da Marinha.

O NAVIO-ESCOLA «CUSTÓDIO DE MELLO» DE VISITA A LISBOA

Veio ao nosso porto, de 21 a 26 de Maio, o navio-escola «Custódio de Mello», da Armada brasileira, em viagem de instrução de 125 guardas-marinhas brasileiros e de outras nacionalidades.
O seu comandante, capitão-de-mar-e-guerra Bernard David Blower, foi condecorado com a medalha de Mérito Militar de 2.ª classe, durante a visita de cumprimentos que efectuou ao ministro da Marinha.
Junto ao Padrão dos Descobrimentos a Armada do Brasil prestou homenagem aos navegadores portugueses numa cerimónia em que o comandante do «Custódio de Mello» depôs um ramo de flores,

na presença do embaixador do Brasil, prof. dr. Gama e Silva; ministro da Marinha; chefe do Estado-Maior da Armada, vice-almirante Ornelas e Vasconcelos; comandante Naval do Continente, contra-almirante Ferrer Caeiro; comandante da Escola Naval, comodoro Fragoso de Matos; adido Naval brasileiro, capitão-de-mar-e-guerra Brandão Padilha, e de outros oficiais brasileiros e portugueses.

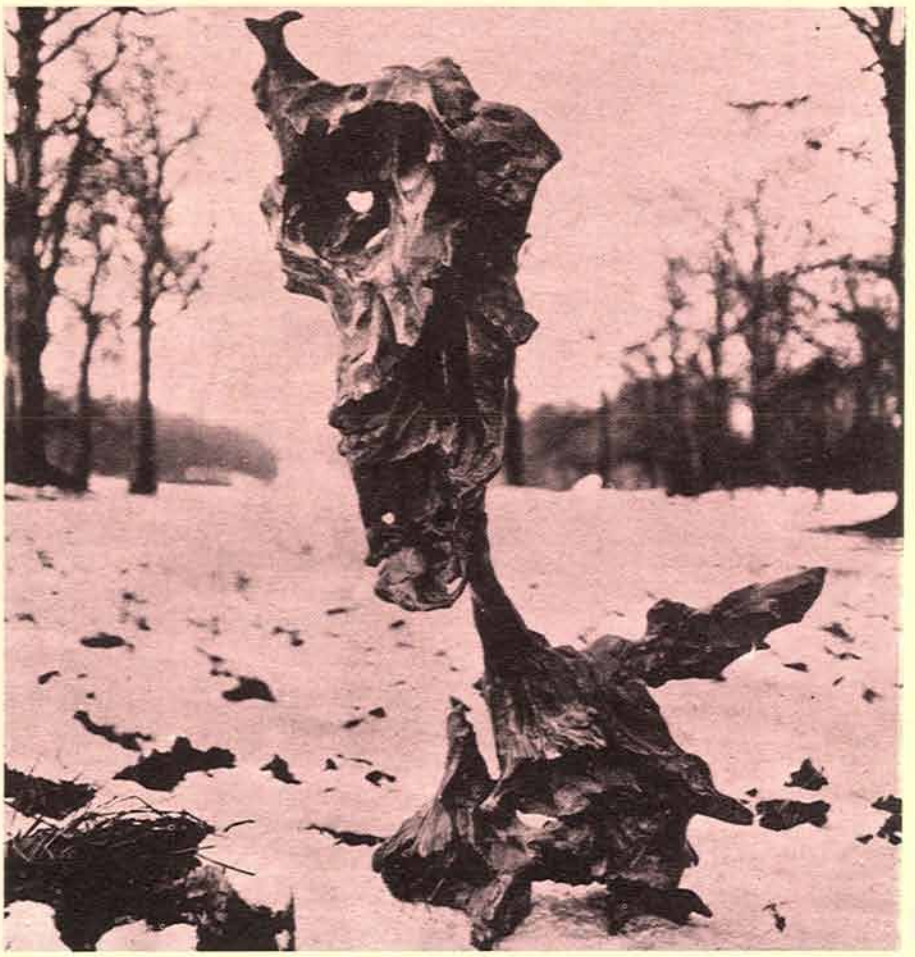


O ESPAÇO DO SUSPIRO – de Benrath

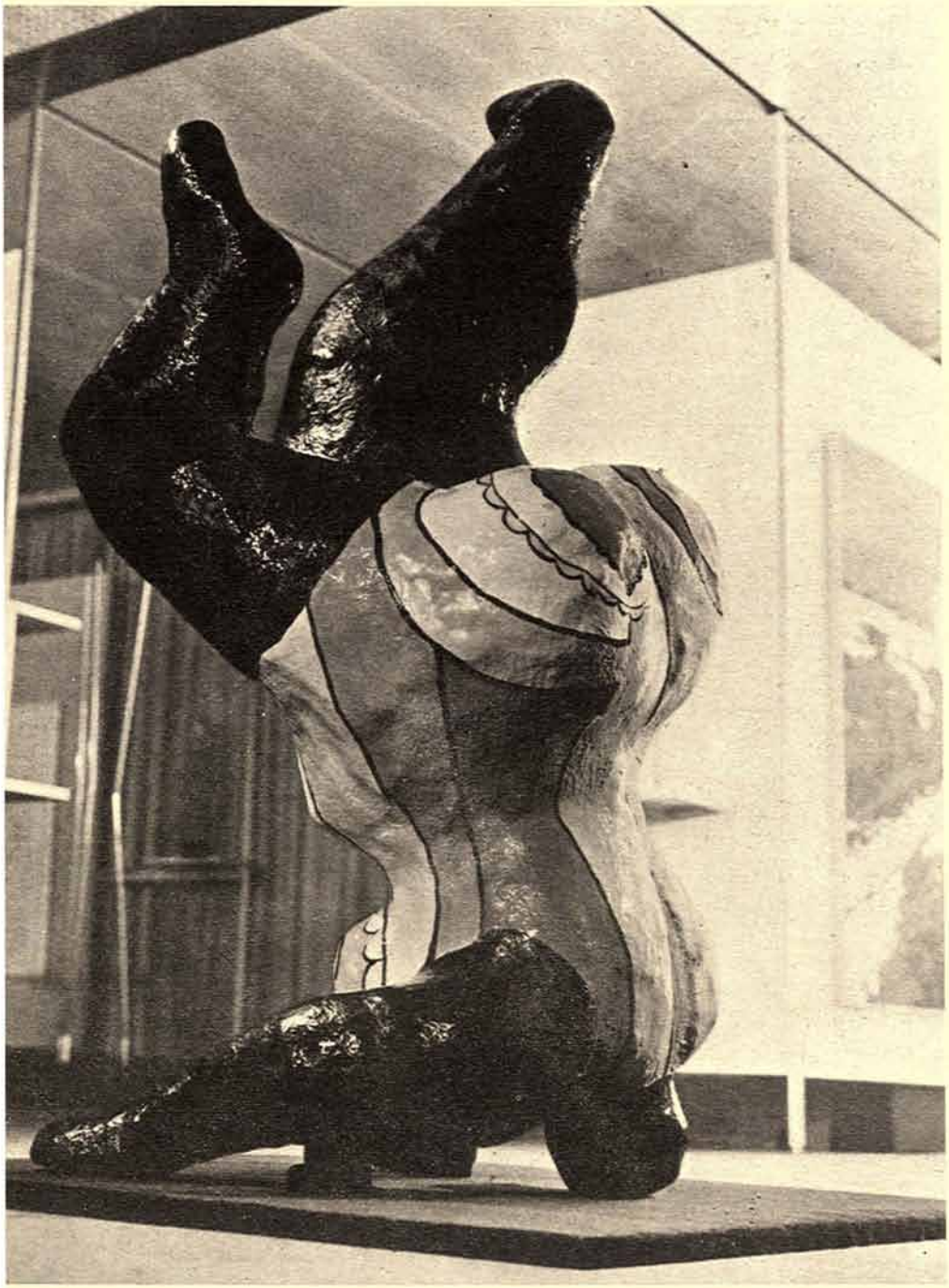
eles, talvez, a vantagem da durabilidade, pois é fundida em bronze...

E, por último, as «tendências sociais» que pretendiam ser (quem sabe) o prato forte desta exposição com as suas esquemáticas três subsecções – «com adaptação», «com contestação» e «objectiva» (que trabalha em objectos) – de atribuição e ilustração um tanto duvidosas. As obras que marcavam estas tendências deixaram-nos uma sensação de vazio ou tristeza. Defeito nosso? Aceitamos que sim... A pintura-objecto, apesar dos seus encantos em certos jogos de luz e de sombra, é fria em si e corre o risco de não ser mais que um entretenimento para a vista. As esculturas fabricadas a partir de peças de máquinas e toda a casta de sucata fizeram o seu sensa-

A CABRA – de Delogne

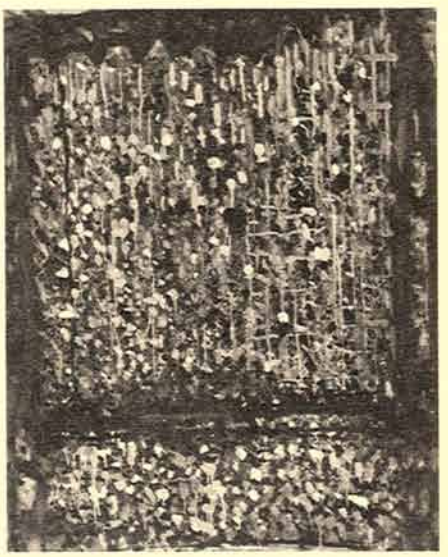


ar, barulho e frenesi fizeram da vida uma tortura. O artista procura, então, evadir-se e nasce daí a procura dos horizontes amplos, dos cimos, dos céus com suas nuvens, da praia, do mar, da neve e da montanha. Porém, algumas telas representativas desta tendência não trazem novidades porquanto um pré-impressionista como Turner já assim pintava há cem anos. É o caso de A CIDADELA DO AR, de Graziani, ou de O ESPAÇO DO SUSPIRO, de Benrath. E as esculturas em madeira de Bonnal e A CABRA, de Delogne, também não trouxeram grande novidade. Quanto a esta última, não se vê que ultrapasse em muito as formas «expressionistas» de certos pedaços de tronco que os elementos naturais como o mar, o vento e o Sol afeiçoaram por forma a conferir-lhes «expressões» esculturais que boa gente aproveita (com gosto) para embelezar os seus jardins e átrios tratados com esmero. Terá sobre



O ACROBATA NEGRO – de Saint-Phalle

O SILÊNCIO DO CREPÚSCULO – de Bissière



A Propósito de uma Exposição

20 anos de arte francesa

cionalismo mas já atingiram a saturação. O ACROBATA NEGRO é uma monstruosidade de Niki de Saint-Phalle, cujo conteúdo polémico e contestatário não chega para uma valorização artística.

Ao lado destas figuram outras correntes, com raízes mais tradicionalistas, como a que se insere num «novo impressionismo», ilustrado com telas de Bissière, Bazaine e da nossa compatriota Vieira da Silva; e a que mergulha as suas raízes no «impressionismo», como é o caso de Alechinsky e Jorn, ou no «surrealismo», como em Lapique e Hantai. São, de certa forma, uma compensação para o resto...

Aliás, na discutidíssima arte moderna há lugar para muitas certezas, muitas dúvidas e muitas opiniões...

O. Lemos

Barbas e Cabelos

De acordo com as noticias recentemente publicadas na imprensa diária, por determinação do ministro da Defesa emanada de Bona, aos 450 000 elementos das Forças Armadas da Alemanha Ocidental foi cancelada a autorização, anteriormente concedida por Herr Schmidt, ministro da mesma pasta, para poderem usar os cabelos compridos.

Em face das instruções agora publicadas, motivadas, segundo se afirma, por motivos de higiene e eficiência, não deve o cabelo tocar a gola dos uniformes ou das camisas dos mesmos, devendo apresentar-se de modo a não impedir o uso do capacete ou de outros resguardos para a cabeça.

A anterior determinação de Herr Schmidt, permitindo aos recrutados das Forças Armadas o uso de cabelos compridos, desencadeou na Alemanha uma verdadeira campanha crítica, mais ou menos mordaz, a tal ponto que deu origem a nova determinação, esta obrigando os cabeludos ao uso de rede no cabelo, para deste modo os acamar e tornar menos revoltos.

Nessa altura, com muita graça e propriedade, os militares alemães passaram a ser alcunhados de «German Hair Force».

A situação agora vigente foi saudada pelo dr. Manfred Woines, democrata cristão, ministro da Defesa, como sendo «o primeiro passo para a restauração da disciplina militar na Alemanha Ocidental».

De facto, vinha-se verificando por parte dos militares cabeludos um total esquecimento dos mais elementares preceitos de higiene e elegância, o que teve como efeito, em virtude de não ser possível a livre circulação do ar dentro dos capacetes, o aparecimento de diversas moléstias e infecções, de maior ou menor gravidade, até então desconhecidas.

Entre nós, durante muitos anos, tanto os militares de terra como os do mar, usavam os cabelos bastante compridos. Esta prática veio a terminar, para os últimos, no tempo de D. Maria II, que a proibiu para corresponder a um apelo do director do hospital da Marinha que se queixava que «devido aos óleos e pomadas que as praças punham nos cabelos, lhe estragavam os travesseiros das camas».

Quanto às barbas, não vai longe o tempo em que só eram autorizadas, e passageiramente, àqueles que regressavam de longa comissão de serviço no Ultramar, costume que, julgamos, tinha sido estabelecido há muito tempo já.

Hoje, o seu uso conquistou o beneplácito superior, e, assim, desde as «barbas à Guise» até às chamadas «barbas à porta-machado» e às «peras à Bernardino Machado», passando pelas «patilhas à zé-povinho» e «à pegador de touros», tudo os nossos marujos e oficiais adoptaram com mais ou menos propriedade, sendo a Armada o único dos três ramos das Forças Armadas que, deste modo, se mantém *à la page*.

E, agora, o verdadeiro motivo destas mal alinhavadas letras à guisa de intróito: uma história autêntica de que fomos testemunha involuntária.

Há pouco mais de dois anos, alojado na Messe de Oficiais do Alfeite, habitávamos um quarto do rés-do-chão no ângulo esquerdo do edifício. Agosto quente, depois de almoço, tarde de sábado propício ao descanso, dormitávamos com a janela aberta e a persiana descida, ouvindo o chilrear dos passarinhos nas árvores do palácio, abrigando-se do sol intenso que nos abrasava.

Do lado de fora, dois pedreiros picavam a parede do edifício, que estava a ser beneficiado. A certa altura, um deles pára o trabalho e chama a atenção do outro para um jovem cabeludo que saía pela porta principal da messe: «É pá, olha para aquela gadelha, não há direito, parece um *beatle*.»

O outro continuou a martelar, e mostrando ser dotado de uma compreensão mais «elástica» respondeu-lhe paternalmente: «Deixa-te disso, homem... olha que o Marquês de Pombal usava caracóis e foi "um gajo porreiro";»

M. Sousa

saibam todos

Que são gratuitos para os sargentos, praças e operários de todas as estações dependentes do Ministério da Marinha os tratamentos hidroterápicos dos Banhos de S. Paulo desde que prescritos pela Junta de Saúde Naval. Para oficiais, funcionários do Quadro do Pessoal Civil e respectivos familiares, bem como para familiares de sargentos, praças e operários, são concedidas reduções sobre os custos da tarifa normal, que vão de 30 a 50%, consoante a categoria do beneficiário, mas apenas durante os meses de Abril, Maio, Outubro e Novembro.

Que nas câmaras dos comandantes e oficiais das unidades navais e nos gabinetes dos comandantes, directores ou chefes, de comandos, unidades, serviços e órgãos de execução de serviços, apenas deve figurar o retrato de Sua Excelência o Presidente da República. As galerias de retratos das entidades que têm exercido o comando ou direcção de estabelecimentos da Armada poderão continuar a ser organizadas desde que autorizadas pelo ministro da Marinha.

Que sempre que nos organismos da Armada instalados em terra se verifiquem acontecimentos ou por eles sejam organizadas quaisquer cerimónias a que possam comparecer representantes dos órgãos de informação pública, deverão ser nomeados oficiais de informação pública a quem competirá acompanhar aqueles representantes, fornecer-lhes todos os esclarecimentos que não tenham carácter reservado, facilitar o desempenho da sua missão e providenciar para que lhes sejam concedidas as atenções que são devidas a todas as entidades que a Armada convida para as suas instalações.

Que o uso de trajo civil é permitido aos sargentos e praças dos quadros permanentes quando fora das unidades e outros organismos e em actos que não impliquem serviço. Quanto às restantes praças, elas poderão beneficiar desta disposição quando se encontrarem no uso de licença para convalescer ou da Junta de Saúde Naval, de licença registada ou no uso de qualquer outra licença igual ou superior a 30 dias.

Que são os seguintes os comandos, forças e unidades que têm direito ao uso de guião:
- Regiões navais
- Comandos de defesas marítimas
- Bases navais
- Flotilhas e esquadrilhas
- Fragatas, corvetas e navios-escolas
- Forças de fuzileiros
- Unidades de fuzileiros
- Grupos de escolas e escolas independentes
- Escola de Alunos Marinheiros

Que o uso de estandarte do tipo n.º 1 é atribuído aos seguintes organismos:
- Comandos de regiões navais
- Comandos de defesas marítimas territoriais
- Bases navais
- Grupos de escolas, escolas independentes, Escola de Alunos Marinheiros e Escola de Artilharia Naval
- Flotilha de Escoltas Oceânicos, Flotilha de Navios-Patrulhas, Flotilha de Draga-Minas, Esquadrilha de Submarinos e Forças de Fuzileiros do Continente.

Que o estandarte do tipo n.º 2 é atribuído aos seguintes organismos:
- Comandos de Defesas Marítimas dos Portos de Lisboa, de S. António do Zaire, de Porto Amélia e do Lago Niassa
- Navio-Escola «Sagres»
- Navios de tipo fragata
- Navios de tipo corveta

voz da abita

De Porfírio de Abreu e Sousa, 3.º faroleiro:

«Viana do Castelo, 23/4/72.»

«Há uns meses atrás, folheando esta simpática revista, aos meus olhos deparou-se um artigo que se intitulava «Direcção de Faróis»; como não podia deixar de ser foi logo lido e relido em primeiro lugar.

«Mas no final desse artigo cheguei à conclusão que muito havia ainda a

dizer acerca dos faroleiros, pois esta profissão, num país em que os seus maiores feitos vieram do mar, é desconhecida por grande número da sua população.

«Parabéns ao autor do artigo a que me referi e apelando para os meus fracos poderes literários vou procurar dar também uma achega, salvo que seja modesta que nem mereça a publicação.

«Há tempo quando renovava o meu bilhete de identidade, ao chegar ao local destinado a profissão, a empregada, muito admirada, não queria aceitar faroleiro como profissão; nessa altura mais ânimo me deu para que fizesse eco, e que melhor ocasião e local para isso não será esta revista?

«Quem por ventura em passeio ou trabalho percorre a costa portuguesa há-de ter visto um farol. Em noites escuras como breu, ou límpidas em que as estrelas salpicam o céu, quem não reparou nos fachos luminosos que riscam o espaço?

«Ou nas entradas dos portos o apagar e acender constante dos farolins de enfiamento, com suas luzes, ora vermelhas ora verdes?

«Nos dias de nevoeiro em que a navegação se torna mais traiçoeira, quem não ouviu os sinais sonoros ou sereias? Qual o navegante que não captou os seus radiofaróis?

«Vendo ou ouvindo alguém terá pensado: «Quem manobra tudo isto?»

«Claro que não podia ser senão esse quase desconhecido: o faroleiro.

«Mas a sua missão não ficou por aqui porque toda, ou quase toda, a aparelhagem é alimentada por electricidade e essa por vezes produzida em suas centrais; são geradores que funcionam e é o foraleiro atento que os comanda.

«Quantas vezes a quilómetros de povoações ou em ilhas mesmo, privado de certos confortos, assim como a sua família, ele não desanima e põe todo o seu brio na profissão que abraçou e está sempre de braços abertos para receber os que o visitam, para mostrar, conversar e explicar. Por isso, desde já fica o convite, visitem um farol e talvez depois possam avaliar um pouco o que isso será.»

MUTILADO DE GUERRA

Vi-te sorrir.

Quedou-se a guerra e uma ordem
cravou-se na manhã de distâncias
[felizes
a agitar os sorrisos do meu Além.
E eu que regressava e era homem
sentia as balas no peito desfeito em
[cicatrizes
na força duma hora imposta por
[ninguém.

Vi-te sorrir.
Olhavas um mutilado?
Não.
Recebias em continência
apenas um soldado.

Artur de Lucena
1.º-grumete T

De José Manuel Falcão Barroso, 1.º gr. FZ:

«Vila Franca de Xira, 21-4-72»

«Que a boa camaradagem e boa disposição reine na Redacção da vossa e nossa Revista são os meus sinceros votos.

«Foi com grande entusiasmo e alegria que principiei a ler e a coleccionar a nossa querida «Revista da Armada» e através de diversos esforços consegui arranjar todos os números saídos, excepto o n.º 1, que não consigo encontrar. Fazendo eu menção de continuar a apreciar e a guardar com todo o carinho a nossa Revista, e como não possuo a n.º 1, agradeço-lhes, caso seja possível, ma enviem.

«Junto três selos de 1$00 para o devido pagamento.

«Termino esta renovando os meus sinceros votos de felicitações e desde já apresento os agradecimentos pela atenção dispensada.

«Que a nossa Revista continue a prosperar são os desejos de todos os alunos do curso de ACM's.»

De José Bernardino Tirapicos, mar. M, recebemos uma carta da qual extraímos:

«Lisboa, 18 de Abril de 1972.

«(...) Na oportunidade venho manifestar quanto me é grato saber que de algum tempo a esta parte a nossa Marinha vem publicando a «Revista da Armada».

«Se ao menos atento este facto passar despercebido, cabe-nos a todos – marinheiros – fomentar a sua ascenção por forma a fazer dela um elemento digno das tão gloriosas tradições da «Briosa».

«Quando da minha passagem pela Força Aérea Portuguesa, foi-me dado constatar e por mim avaliar quanto se sentem satisfeitos e até vaidosos os elementos daquela arma quando folheiam a sua revista «Mais Alto».

«Convivendo com eles, sentia certa nostalgia quando através de fotografias, reportagens, tanto na Metrópole como no Ultramar, eu via a satisfação com que eles festejavam a presença, naquela revista, dos seus «escolas».

«Agora, que toda a Marinha possui idêntico órgão informativo, cabe, como acima disse, a todos nós contribuirmos para que não só a «Revista da Armada» atinja um valor digno, como também, através dela, a nossa Marinha se sinta honrada com tão brilhante iniciativa.

«Bem haja, senhor director.»

De M. Santana, cabo A, embarcado na fragata «Almirante Gago Coutinho», recebemos a seguinte carta:

«Bordo, 20-3-72.

«É-me bastante grato, ter ao alcance a possibilidade de poder contribuir com a minha modesta colaboração na mui nobre «Revista da Armada».

«Há muito que o desejava fazer, mas na incerteza e talvez com o receio de a minha modesta colaboração não servir os fins da referida Revista, tenho-me abstido.

«Com a saída do n.º 6 e atendendo à rubrica «Insistindo», decidi-me a colaborar e ao mesmo tempo fazer-me membro da guarnição da «Nau Catrineta» de agora.

«(...) por isso eis-me novamente ao dispor do «vosso Comando», convicto de que a minha franca colaboração possa ser útil e servir os intuitos da nossa Revista.»

Da colaboração recebida publicamos o que se segue:

VOCABULÁRIO

A – Ajudante – O auxiliar do que não faz nada.
B – Borracheira – Tempestade que se desencadeia quando há licenças.
C – Clarim – O mais antipático da guarnição.
D – Desleixo – Certo modo de vida de certa gente.
E – Enjoado – O primeiro a desembarcar quando o navio atraca.
F – Falcatrua – O que o moço do paiol faz ao vinho.
G – Galã – Marujo de punhos voltados, pente na algibeira e boné debaixo do braço.
H – Horário – Papelinho que muda todos os dias.
I – Impertinente – O E.T.O. de bordo.
J – Jarretas – Os que andam sempre a dizer que «agora já não há marujos. No meu tempo é que era...».
K – Kagado – Ave que não é nada rara.
L – Lamechas – Marujo enjoado a pensar na terra firme.
M – ? – Não digo...
N – Nascente – O Cartaxo.
O – Obreiro — Abelha... mestre.
P – Prestável – Aquele que pergunta: «Grito homem ao mar ou atiro a bóia?»
Q – Quarto – Quatro horas de luta contra o sono.
R – Raspanete – Palestra que se ouve em sentido.
S – Sotavento – O bordo para onde se pode cuspir sem perigo...
T – Tacho – Objecto muito procurado e muito apreciado.
U – Uniforme – Fatos que deviam ser iguais... mas que não são.
V – Valentão – Qualquer lingrinhas depois de beber uns copos.
X – Xarope – Admoestação que não vai para a caderneta.
Z – Zarolho – O que olha para bombordo quando quer ver para estibordo.

notícias pessoais

CASAMENTOS

Asp. RN AN António José Mendonça casou, em 2-4-72, com D. Elvira Maria Cavaco Neto Mendonça Pinto.
Asp. FZ RN Ângelo José Cachudo Sajara casou, em 8-4-72, com D. Isabel Maria Ferreira Morgado.
Asp. RN Eduardo Moreira Vaz Cardoso casou, em 8-4-72, com D. Maria Leonor Barros Lurdes Vaz Cardoso.
Asp. RN Nuno António Ribeiro Bessa Lopes casou, em 9-4-72, com D. Maria da Conceição Pereira Mendes Bessa Lopes.
Asp. RN Mário Pedro Vieira Barbudo casou, em 23-5-72, com D. Maria Isabel dos Santos Sampaio.
1375/68/Mar. FZE – Ferreira casou, em 12-4-72, com D. Jacinta R. D. Ferreira.
899/66/Mar. L – Gonçalves casou, em 2-4-72, com D. Maria Rosa M. G. Gonçalves.
223/66/Mar. C – Guerreiro casou, em 8-4-72, com D. Maria de Fátima G. C. Guerreiro.
1733/67/Mar. CM – Reis casou, em 2-4-72, com D. Maria Clementina R. N. Reis.

PASSAGENS À RESERVA

1.º-ten. SG António Ferreira colocado na situação da Reserva da Armada, em 22-5-72, continuando na efectividade do serviço.
Sarg.-aj. CM Francisco A. da Silva, passou à Reserva Aa, em 3-4-72.
Sarg.-aj. E Luís C. Candeias passou à Reserva Aa, em 12-4-72.
1.º-sarg. R Domingos L. C. Tavares passou à Reserva Aa, em 13-4-72.
1.º-sarg. E José Norberto passou à Reserva Aa, em 20-4-72.
1.º-sarg. A Cesário M. Diniz passou à Reserva Aa, em 5-4-72.
888/C. CM – José M. Correia passou à Reserva Aa, em 3-4-72.
627/C. E – Joaquim F. da Costa passou à Reserva Aa, em 5-4-72.
2565/C. TFH – Manuel M. Clemente passou à Reserva Aa, em 12-4-72.

APOSENTAÇÕES

Faustino Morais Ramalho, cabo de mar de 1.ª classe.
Alberto Rodrigues, serventuário de 1.ª classe.

FALECIMENTOS

764/64/Mar. FZE – Martinho Ramos Romão faleceu na Guiné, em 9-4-72.
1266/69/Mar. FZE – Fernando da Piedade Laranjo faleceu na Guiné, em 2-4-72.
2862/69/1.º Gr. FZ – Celestino Mesquita Carvalho faleceu em Angola, em 8-4-72.
Manuel Valentim de Barros, cabo de mar de 1.ª classe, faleceu em Maio de 1972.

CURIOSIDADES

CURIOSIDADES

BÓIA DE MONOAMARRAÇÃO

Elementos da Shell Oil Company informaram ter sido instalada ao sul da ilha Halul, na costa do Qatar, a maior bóia de monoamarração do Mundo. Foi construída em Dubai com componentes vindos dos E. U. A. e está preparada para amarrar petroleiros até 500 mil toneladas/dw.

CANAL DA EUROPA

Espera-se que em 1981 se possa ligar, por canais, o mar do Norte ao mar Negro. Estão quase concluídos os trabalhos em duas secções-chave do canal que liga o Reno e o Main ao Danúbio. Ficar-se-á com uma via de comunicação aquática transcontinental de 2200 milhas de comprimento que ligará Roterdão ao porto romeno de Sulina no mar Negro.
Conta-se que a viagem entre Roterdão e Sulina seja encurtada em 11 dias.

CONTENTORES

Uma firma australiana desenvolveu um novo tipo de contentores denominados *floatainers*, que flutuam e podem ser rebocados em grupos de quatro por rebocadores. Os contentores são lançados à água pelos guindastes existentes a bordo do porta-contentores, podendo ser operados em qualquer porto. A principal diferença em relação aos convencionais é que se enchem e vazam pelo topo e têm uma tampa que fecha hermèticamente ficando o contentor à prova de água.
O novo sistema é conhecido por SPLASH – Slewing Portal Ligh-weights Aboard Ship.

Foram transportados em contentores, carros «Jaguar», do Reino Unido para o Canadá. Embalados na fábrica, os contentores foram desembarcados em Halifax, Nova Escócia, seguindo depois até Burlington por via férrea. Os carros são colocados sobre rampas sobrepostas, que se cobrem parcialmente, para melhor aproveitamento do espaço do contentor. Tem a vantagem de evitar estragos e furtos, e dispensa a aplicação e remoção de acessórios protectores.

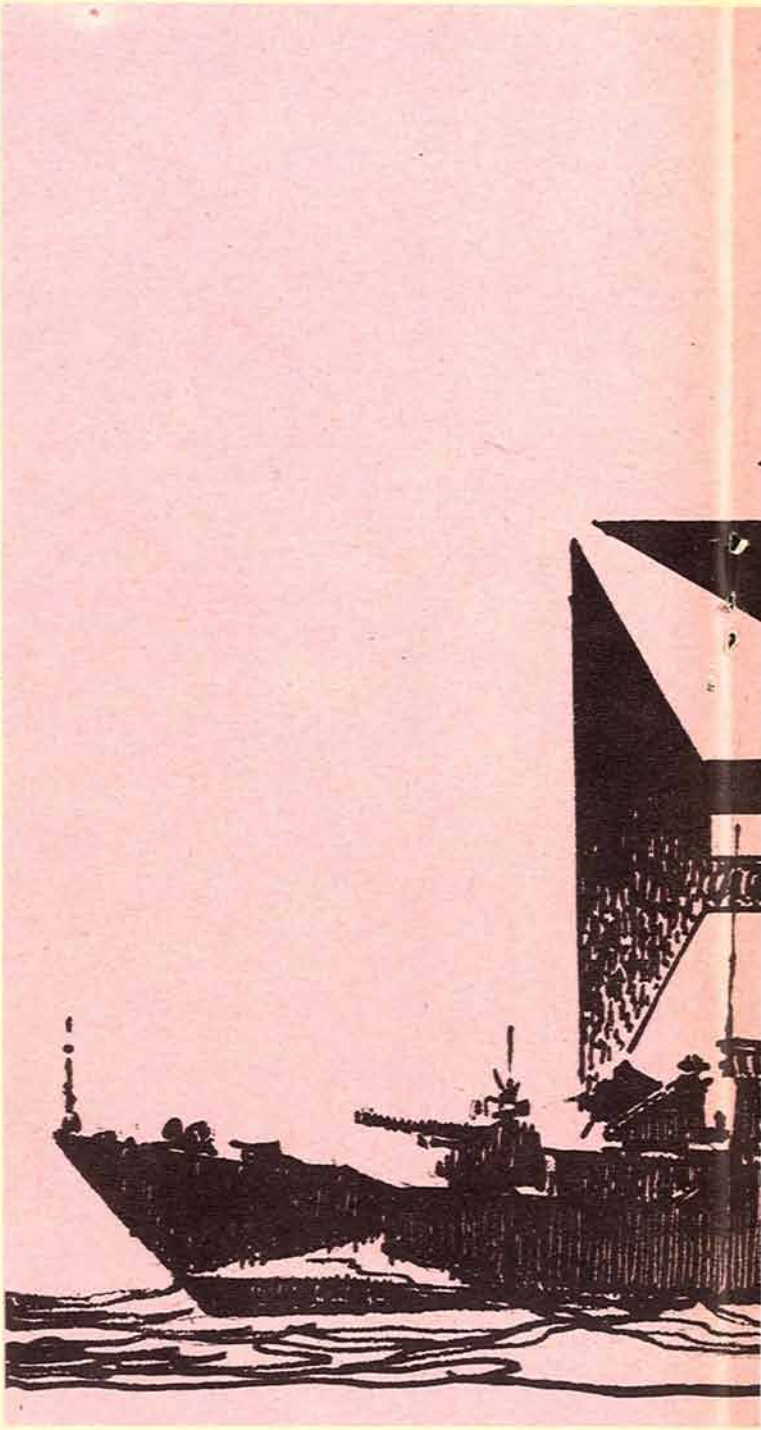
ESTALEIRO

Fechou um dos maiores estaleiros navais da Escócia – o Yarrow Shipbuilders. Tal facto provocou o desemprego de 4000 pessoas e agravou a situação social da Escócia, onde a taxa de desemprego é a mais elevada do Reino Unido.

(Do «Boletim Analítico da J. N. M. M.», de Fev. 72)

DIA DA MARINHA

8 de Julho



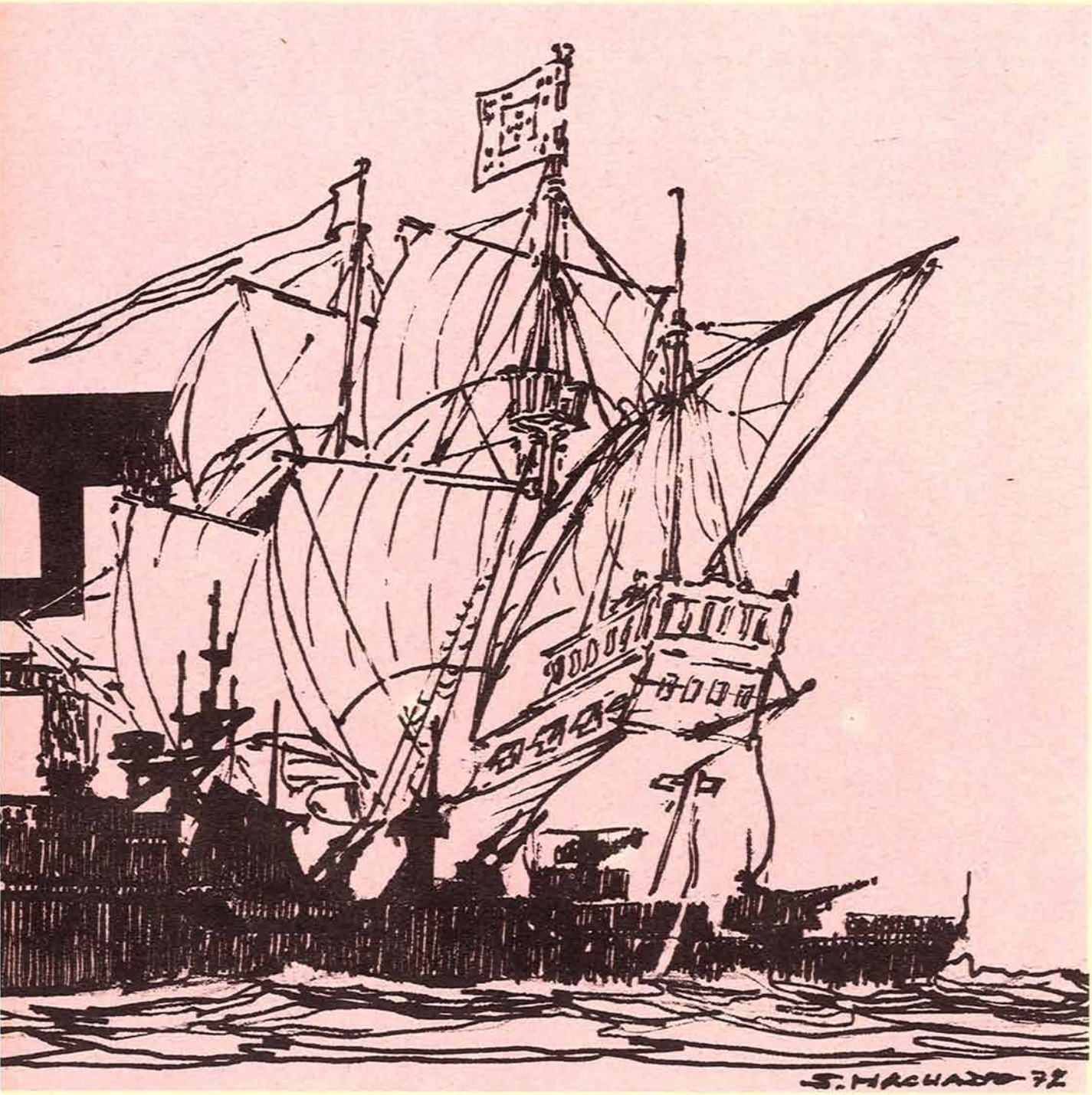
Espalhados pelos mares do globo, fundeados ou atracados em baías e portos, há neste momento pedaços de Portugal que abrigam no seu seio marinheiros portugueses. Dispersos pelas mais distantes terras da Nação Portuguesa há homens que fizeram do mar sua aspiração e anseio de vida e que lutam e permanecem para que a Nação permaneça com eles.

E em todos os organismos e unidades que de alguma forma o Ministério irmana, há gente que se sente ligada ao mar. Para todos, o dia 8 de Julho é dia grande – é o dia da Marinha!

Ser marinheiro de Portugal é sentir hoje o frémito de pertencer a uma família que se reune, evocando, na gloriosa tradição que lhe legaram os seus Maiores, a presença desses espíritos fortes que projectaram a Nação no mundo para sempre e a daqueles que hoje «em perigos e guerras esforçados» lhes seguem o exemplo.

De um canto ao outro da Nação Portuguesa, a Marinha vai mostrar os seus homens, no justo orgulho de poder trazer à luz do dia uma Corporação que sempre se afirmou pelo seu aprumo e galhardia.

Verdadeiro traço de união entre as parcelas de Portugal, os marinheiros serão sempre, onde haja portugueses, os mensageiros da alma lusíada. E quando, lá longe, numa terra irmã, outros irmãos nossos rompem cadeias e vedações para abraçar os marinheiros portugueses que passam, ou beijar, lavados em lágrimas, a gloriosa e simbólica bandeira que con-



duzem, é ainda o mesmo traço de união do mar que os irmana – a mesma saudade que os fez contemplar, de olhos perdidos na mágoa da lonjura, esse mar que os trouxe e onde toda uma saga antiga vem carpir em cada onda uma lembrança daqueles que lhe desvendaram as segredos...

A Marinha de Portugal, que continua sulcando esses mesmos mares que há tantos séculos se habituaram à sua presença, é sem dúvida o agente indefectível dessa corrente de sentimento que liga as fragmentadas parcelas de um extenso território.

E não raro são os marinheiros que levam a cada pedaço da Nação o abraço de mãe para filho, de esposa para marido, de irmão para irmão...

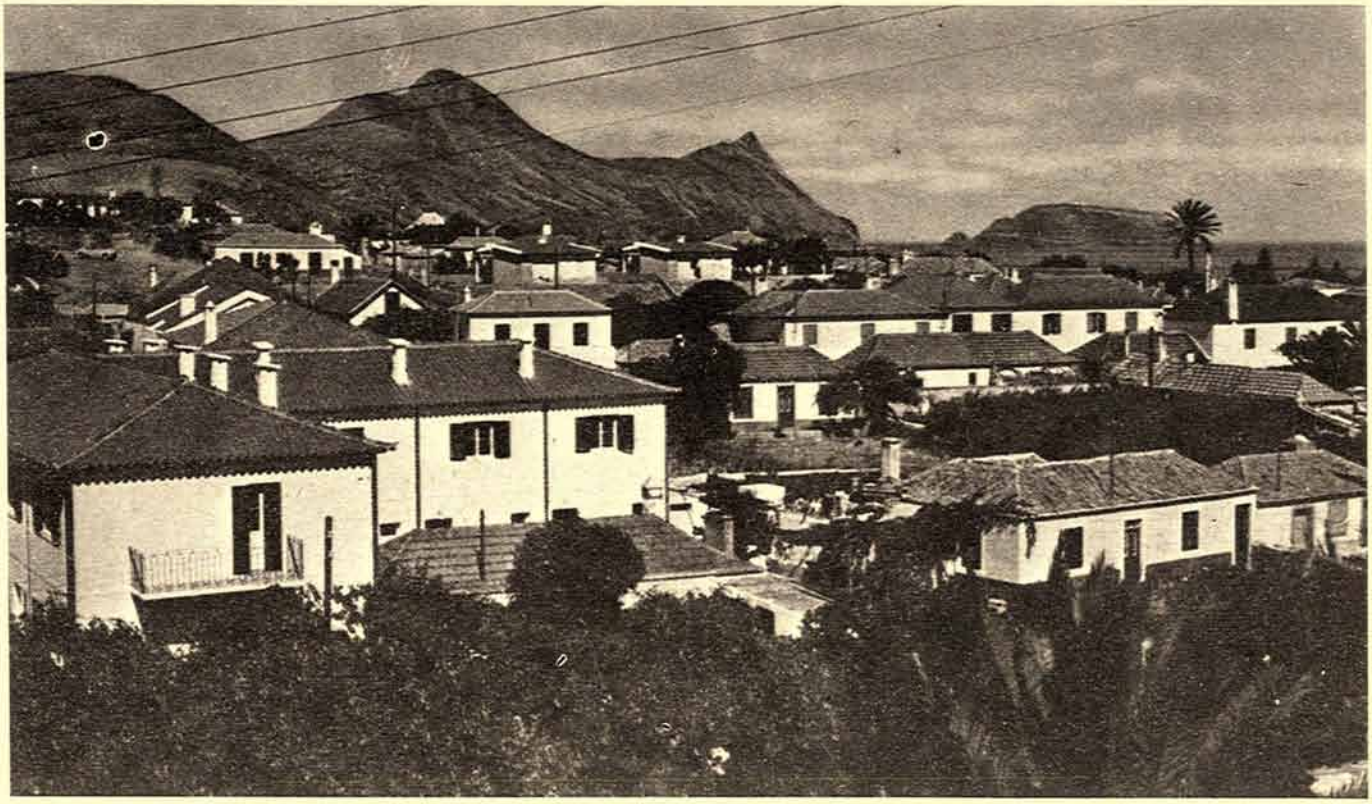
Portugal, que manda a cada canto do mundo os seus marinheiros, sente-se sem dúvida orgulhoso de poder mostrar, nas imensas rotas dos oceanos e mares, a sua bandeira.

É esse orgulho que os mantém unidos e é nessa união que encontram sempre a força que lhes dá ânimo para cumprir e mostrar, para lá de todas as contingências, o seu incontestável valor, lealdade e mérito!

Dia da Marinha! Dia de festa, honra e glória!

O. Lemos

PORTO SANTO, onde um dia Zarco...



Porto Santo – Vista parcial da vila. (Foto de Francisco Ribeiro, do Funchal)

Nem sempre, na escola, uma criança,
Do que lhe ensinaram, tem noção...
Mais tarde, já adulto, é que alcança
Todo o real sentido da lição!...

R. F. C.

Quando a professora indicou a lição de geografia para o dia seguinte, marcámos a página do livro respectivo. Era mais uma estopada, desta vez versando o tema: Arquipélago da Madeira.
Onde é que ficava isso? E que me importava? No meu pensamento estava o torneio de berlinde que iríamos disputar na hora do recreio! Depois, logo daria uma olhadela à maçadora lição, mais para fugir aos rigores da palmatória do que para saber o quer que fosse sobre a Madeira, ou lá o que era... A mocidade evolou-se na noite do tempo!... Imperativos da profissão trouxeram-nos para o local cujo estudo negligenciámos nos bancos escolares. A vida, porém, nos dá ao vivo a lição teórica que a velha professora nos havia marcado!...

A "Ilha Dourada"

Em pleno Atlântico, a sudoeste do cabo de S. Vicente, separada da tão conhecida e formosa ilha da Madeira por uma extensão de mar a que chamam a «Travessa» e que se alarga em cerca de 40 milhas náuticas, ergue-se a ilha do Porto Santo, conhecida em gíria turística pelo nome de «Ilha Dourada» em consequência do fúlvido areal da sua magnífica praia. Situada nas coordenadas geográficas 330401 Norte e 162044 Oeste, a uma distância de Lisboa de, aproximadamente, 504 milhas, a ilha do Porto Santo é um pequeno ponto perdido na imensidade do oceano, pois a sua superfície não excede os 50 km2, medindo no seu maior comprimento cerca de 11 km enquanto a sua largura não vai além de 9 km.
A ilha tem a forma hexagonal determinada pelas suas pontas mais importantes, computando-se a linha da costa em 30 km, 9 km dos quais, em todo o litoral sul, constituem a formosíssima praia de areia dourada que é um dos seus maiores atractivos, oferecendo a todo o viajante entre o Continente e a ilha da Madeira uma visão maravilhosa e sendo a principal razão do grande fluxo turístico que, no Verão, dando à ilha uma fisionomia bastante curiosa, busca na sua excelente exposição os benefícios das suas propriedades naturais em tratamentos hidroterápicos e helioterápicos.
A ilha do Porto Santo divide-se em três regiões geográficas distintas, sendo a do Norte mais mon-

tanhosa que a do Sul e a média relativamente plana. Na região Norte erguem-se os picos principais, sendo o do Facho o mais alto, com cerca de 510 metros acima do nível do mar, e o do Castelo o mais belo por ser o único arborizado, graças à louvável acção do regente agrícola António Schiapa de Azevedo, numa tentativa que levou a efeito, posteriormente continuada e ampliada por acção dos Serviços Florestais que, num trabalho árduo e consciente, deram realidade à criação de extensas zonas verdes que tanto favorecem a fisionomia da «ilha Dourada» e os que usufruem dos seus encantos.

As principais planícies da ilha são as da Vila e das Areias, esta muito cultivada, sede dos famosos vinhedos de onde são colhidas as saborosíssimas uvas de mesa das mais afamadas em Portugal e cujo suco, convertido em óptimo vinho de pasto, nos dá uma bebida de agradável e característico paladar.

A ilha tem uma população de cerca de 4500 habitantes e chega a receber na época balnear 2000 turistas, na sua maior parte madeirenses que nela têm casas de vilegiatura. Tendo um magnífico aeroporto, Porto Santo é servida por carreiras regulares dos aviões da TAP que a põem em contacto com o resto do Mundo.

O mar, o límpido e azul mar que cerca a ilha, exerce profunda atracção sobre os naturais e raro é aquele que não sabe manejar remo ou leme.

A «Ilha Dourada», baptizada por Zarco como Porto Santo, é, na realidade, um santo porto para os que têm o privilégio de a visitar; é um refúgio, um oásis, na agitação louca, conducente ao caos, que vai por esse Mundo fora...

R. F. Coentro

---

filatelia

APONTAMENTO FILATÉLICO

(A I Exposição Filatélica do Pessoal da Armada nas comemorações do Dia da Marinha de 1973?)

Visitámos, há dias, uma exposição filatélica em Alenquer.

O facto nada teria de extraordinário se a nossa atenção não tivesse sido imediatamente atraída para um conjunto de quadros, maravilhosamente seleccionados e apresentados, inspirados na temática «Mar» e especializada em «Marinha Portuguesa ao Longo dos Séculos».

Nós, que ao mesmo tema dedicamos o maior interesse, ficámos maravilhados e quisemos conhecer, cumprimentar e felicitar o coleccionador, o que fizemos com dupla satisfação pois tratava-se, nem mais nem menos, de um sargento-ajudante da Armada, filatelista, aliás, muito distinto e conhecido por, em diversas mostras e exposições, ter sempre marcado honrosa presença.

No regresso, encantados com o que nos fora dado apreciar e com a surpresa descrita, idealizámos uma exposição do pessoal da Armada que, salvo melhor opinião, se enquadraria perfeitamente nas comemorações que assinalam o Dia da Marinha. Se há tantos coleccionadores na Marinha, porquê não se pensar realmente numa exposição nossa?

É certo que uma manifestação deste género terá de ter elevado nível, carece de apoio, requer trabalho e exige muitas boas vontades.

Porém, querer é poder, e uma das características que nos define é, precisamente, sermos corajosos. Assim sendo, pergunta-se: não será de pôr em marcha a ideia? Julgamos que sim, e a resposta compete não só a todos os coleccionadores de selos da Armada mas, ainda, a todos aqueles que de qualquer forma podem contribuir para que a nossa I Exposição Filatélica seja, no próximo ano, uma autêntica e frutuosa realidade.

G. Brandão

AS FLÂMULAS

As grandes quantidades de correspondência que se torna necessário marcar, ou obliterar, levaram as administrações postais de quase todos os países do Mundo a utilizar processos mais rápidos e ao mesmo tempo menos onerosos.

Apareceram então as máquinas de obliterar, em substituição parcial das vulgares marcas de dia que, pelo seu uso manual, resultam morosas.

Uma flâmula, como se vê na gravura, é constituída por um bloco datador com a designação da estação expedidora, a data e algumas vezes a hora e o número da expedição (1.ª, 2.ª, etc.) e um rectângulo, ou quadrado, com gravuras ou legendas.

A coleccionação das flâmulas é bastante interessante, pois permite agrupar conjuntos de grande beleza e variedade. Um dos países que mais empenho tem na apresentação das suas flâmulas é a França, com algumas de excepcional beleza. Actualmente, as flâmulas têm sido aproveitadas pelos coleccionadores temáticos para ilustração dos temas da colecção.

As primeiras flâmulas que apareceram em Portugal eram de legenda contínua, isto é, a legenda aparecia intercalada com o bloco datador continuadamente. Actualmente, as máquinas usadas pelos nossos correios só possuem um cunho e um bloco datador, como o da gravura.

As flâmulas portuguesas têm como principais motivos conselhos dos CTT aos seus utentes, propaganda turística, exaltações patrióticas, etc.

CENTENÁRIO DE «OS LUSÍADAS»

O Ministério do Ultramar mandou emitir e pôr em circulação em todas as províncias ultramarinas selos comemorativos do 4.º centenário da famosa obra épica de Luís de Camões.

Os selos, com motivos alusivos à efeméride, têm as seguintes taxas: 5$00 para Cabo Verde, $50 para a Guiné, 20$00 para S. Tomé e Príncipe, 1$00 para Angola, 4$00 para Moçambique, 20 avos para Macau e 1$00 para Timor.

O Brasil também se associou às comemorações emitindo um selo que foi posto em circulação no dia 17 de Junho último.

Foram criados, tanto nas províncias ultramarinas como no Brasil, carimbos de primeiro dia de circulação. O carimbo usado no Brasil apresenta a efígie de Camões. Reproduzimos o selo emitido para a província de Angola.

PELO MUNDO

NOVAS EMISSÕES – No passado dia 26 de Maio, os correios do Brasil emitiram e puseram em circulação uma série de quatro selos comemorativos da «Integração Económica». Os selos apresentam motivos de «Correio», «Telecomunicações», «Tropodifusão» e «Ocupação da Amazónia». Reproduzimos um dos selos, que foram concebidos pelo desenhador de selos A. Carvão, que também assinou o carimbo de 1.º dia.

– Em 19 de Junho findo, os correios da Finlândia puseram em circulação um selo comemorativo das regatas de «Navios-Escolas», o qual apresenta como motivo uma fragata à vela de 1929. Selo a interessar aos coleccionadores dos temas marítimos e desportivos.

António Vieira Pinto
Mar. A

CONCURSO

Três perguntas:

1.ª – Qual a série e emissão em que aparece o navegador Fernando Pó?
2.ª – Qual o valor do selo e série com a figura de Bartolomeu Dias?
3.ª – Em quantos selos da Metrópole aparece a imagem do Infante D. Henrique?

Entre todas as respostas certas recebidas até à saída do número 12 da Revista será sorteado um conjunto de 28 selos novos da temática «Gago Coutinho».

G. Brandão

CAMPEONATOS DA ARMADA

O Grupo n.º 1 soma e segue: depois das vitórias no Corta-Mato (por equipas) e Futebol, sagra-se campeão de Andebol de 7!

Os campeões de andebol de 7. De pé, da esquerda para a direita: Jesus, Pacheco, Mourato, Frazão, Sousa Santos e Ribeiro. De joelhos: Pinto, Filipe, Gamboa, Tiago, Oliveira, Quaresma e Duarte.

A equipa da «Sagres» que se classificou em 3.º lugar com o mesmo número de pontos do C.E.F.A.-B. Foi o único navio que concorreu ao campeonato de andebol...

RÂGUEBI

Taça de Portugal no Estádio do Alfeite!

A equipa do C.N.O.C.A. que defrontou «Os Belenenses». De pé, da esquerda para a direita: árbitro do jogo, Albuquerque, Martinha, Bento, Marques, Grácio, Silva, Tavares, Blasques e Soares. De joelhos: Chagas, Neves, Saldanha, Arménio, Abreu, Brito e Curado.

O C.N.O.C.A. na 1.ª parte ofereceu boa réplica neste excelente jogo disputado com exemplar correcção. Na fotografia, Grácio introduz a bola numa formação de touche.

ANDEBOL DE 7

O Grupo n.º 1 conquistou com inteiro mérito o título de campeão da Armada, contando por vitórias os jogos disputados. O campeonato teve a participação de 8 equipas e foi disputado no sistema de *poule* numa só volta, sendo os jogos disputados no recinto da B.N.L. A Escola de Fuzileiros, perdendo apenas com o campeão e com um jogo em atraso, foi um bom 2.º classificado, cotando-se até como a equipa mais realizadora. Na 3.ª posição estão, *ex-aequo* as equipas da Sagres e C.E.F.A.-B, e tudo indica que sejam estas as suas classificações finais, pois não é provável que a Direcção de Faróis vença o seu jogo em atraso com a E.F. Entretanto assinale-se a desqualificação da Escola Naval por falta de comparência no jogo com o G.2E.A.

Damos a seguir os resultados dos jogos disputados:

C.E.F.A.-A, 14-C.E.F.A.-B, 21
C.E.F.A.-B, 21-Sagres, 22
E. Naval, 13-G.1E.A., 16
E. Fuzileiros, 22-G.2E.A., 16
D. Faróis, 12-G.1E.A., 20
C.E.F.A.-A, 7-Sagres, 22
E. Naval, 18-E. Fuzileiros, 27
Sagres, 15-G.1E.A., 26
C.E.F.A.-B, 15-E. Fuzileiros, 22
D. Faróis, 15-E. Naval, 20
C.E.F.A.-A, 7-E. Fuzileiros, 26
Sagres, 16-D. Faróis, 18
G.2E.A., 14-G.1E.A., 18
C.E.F.A.-B, 12-G.1E.A., 23
C.E.F.A.-A, 8-D. Faróis, 10
D. Faróis, 9-C.E.F.A.-B, 26
G.2E.A., 7-C.E.F.A.-A, 1
E. Fuzileiros, 29-Sagres, 21
C.E.F.A.-A, 9-G.1E.A., 18
C.E.F.A.-B, 22-G.2E.A., 15
Sagres, 15-G.2E.A., 13
G.2E.A., 20-D. Faróis, 20
E. Fuzileiros, 12-G.1E.A., 16

CLASSIFICAÇÃO FINAL

	J	V	E	D	B	P
G.1E.A. ...	7	7	–	–	137- 87	14
E. Fuzileiros	6	5	–	1	138- 93	10
Sagres	6	3	–	3	111-114	6
C.E.F.A.-B .	6	3	–	3	117-105	6
D. Faróis ..	6	2	1	3	84-110	5
G.2E.A.* ...	7	2	1	4	85- 98	5
C.E.F.A.-A .	6	–	–	6	46-104	0

** Uma das vitórias foi obtida por falta de comparência da Escola Naval.*

RÂGUEBI

Terminou o Campeonato Nacional da II Divisão, onde o C.N.O.C.A. se classificou em 6.º lugar, classificação que podemos considerar satisfatória. A época de exames influiu decisivamente no comportamento da equipa como é natural e lógico.

Para a Taça de Portugal a sorte não favoreceu a equipa na medida em que o adversário, «Os Belenenses», é considerado uma das mais fortes formações em prova. Por isso, o resultado final (3-36) acusou um desnível que se aceita. De salientar a boa réplica oferecida na 1.ª parte (3-12).

VOLEIBOL

O C.N.O.C.A. classificou-se em 5.º lugar no Regional de Lisboa tendo sido apurado para o Nacional da I Divisão. A despeito de ser a primeira vez que se compete com clubes federados podemos considerar de excelente a actuação da equipa do C.N.O.C.A. Nos dois últimos jogos realizados, salientem-se duas excelentes vitórias conseguidas na Figueira da Foz e em Castelo Branco com os resultados seguintes:

Gin. Figueirense, 1-C.N.O.C.A., 3
G. D. C. Branco, 0-C.N.O.C.A., 3

Registe-se a maneira verdadeiramente cavalheiresca e calorosa como foram recebidos os elementos do C.N.O.C.A., tanto na Figueira da Foz como em Castelo Branco, tendo as duas deslocações constituído excelentes jornadas de convívio e camaradagem entre os nossos atletas e os seus prestigiosos adversários.

ESGRIMA NA ESCOLA NAVAL

Sob a presidência do comandante da Escola Naval, comodoro Fragoso de Matos, e com a presença de vários professores e alunos daquele estabelecimento de ensino, realizou-se no passado dia 4 de Maio, pelas 17 horas, uma prova de espada para disputa do Troféu Comandante Soares de Oliveira, integrada no ciclo de actividades da Associação Desportiva da Escola Naval.

Foram os seguintes os resultados obtidos:

1.º, aspirante Valente Zambujo
2.º, cadete Riacho dos Santos
3.º, cadete Sallas Sancho
4.º, cadete Miranda Mourão
5.º, aspirante Pinto Teixeira

Ao terminar, o comandante Soares de Oliveira fez a entrega do diploma ao vencedor.

P. Caeiro

PROVÉRBIOS CHINESES

Se os teus projectos alcançarem 1 ano, semeia uma seara; se alcançarem 10 anos, planta uma árvore; se alcançarem 100 anos, educa um povo.

Semeando uma vez cereal, colherás uma vez; plantando uma árvore, colherás 10 vezes; educando um povo, colherás 100 vezes.

Kuan-Tzu

A MISSÃO DO CENTRO SUPERIOR DE ESTUDOS DA DEFESA NACIONAL DE ESPANHA NO INSTITUTO SUPERIOR NAVAL DE GUERRA

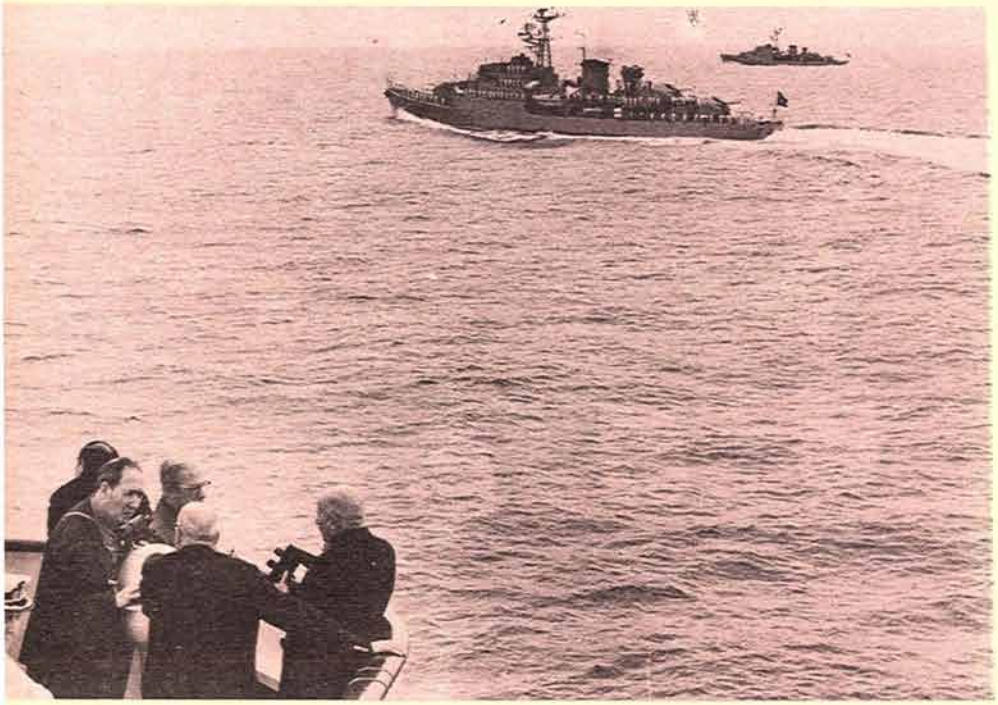
No passado dia 4 de Maio, esta missão, chefiada pelo vice-almirante Martel Viniegra, deslocou-se ao Instituto Superior Naval de Guerra em visita de estudo.

Os oficiais espanhóis que integram a missão, da qual faz parte o curso da Escola de Estados-Maiores Conjuntos, dirigido pelo general-de-brigada Liniers y Pidal, depois de breves palavras de introdução pelo director do Instituto, contra-almirante Sequeira Araújo, assistiram a conferências realizadas pelo comodoro Luciano Bastos, brigadeiro Brito e Melo, do Secretariado-Geral da Defesa Nacional, e capitão-de-fragata Martinho Comprido.

VISITAS DE ESTUDO DE OFICIAIS ALUNOS DO INSTITUTO SUPERIOR NAVAL DE GUERRA

Acompanhados pelo capitão-de-mar-e-guerra Cruz Filipe, os alunos do Curso Geral Naval de Guerra efectuaram no dia 8 de Maio uma visita de estudo às Oficinas Gerais de Material Aeronáutico e Depósito Geral de Material Aeronáutico, em Alverca, onde foram recebidos pelos respectivos directores, brigadeiro engenheiro aeronáutico Alberto Fernandes e coronel Hilton Pereira.

Também no dia 10, e acompanhado pelo comodoro Leão dos Anjos, o mesmo curso deslocou-se ao Laboratório de Física e Energia Nucleares, em Sacavém, onde os alunos foram recebidos pelo engenheiro Frederico Carvalho, director adjunto, e dr. Matos Fernandes, director do Serviço de Apoio Logístico, que os guiaram e elucidaram na visita efectuada às instalações.

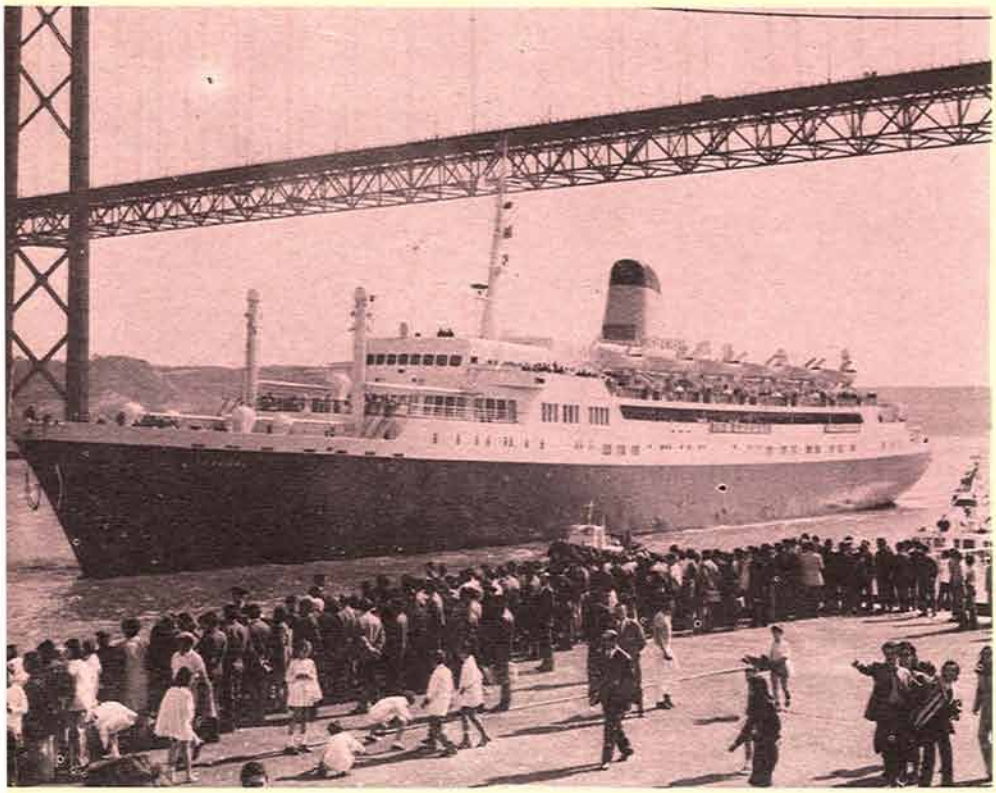


REGRESSO DE SUA EXCELÊNCIA O PRESIDENTE DA REPÚBLICA DA SUA VIAGEM AO BRASIL

Concluída a missão oficial que o levara a terras do Brasil, regressou a Lisboa no dia 10 de Maio, a bordo do «Funchal», Sua Excelência o Presidente da República.

Na Estação Marítima de Alcântara, para apresentação de cumprimentos, compareceram além de Sua

Excelência o Presidente do Conselho, os Presidentes da Assembleia Nacional, Câmara Corporativa e Supremo Tribunal de Justiça, o Patriarca de Lisboa, membros do Governo, membros do corpo diplomático, oficiais generais e superiores dos três ramos das Forças Armadas, altas personalidades da vida nacional e milhares de pessoas que saudaram entusiàsticamente Sua Excelência o Chefe do Estado.



Damos na nossa reportagem algumas imagens colhidas a bordo do «Funchal», na baía das Gatas na passagem por Cabo Verde, no regresso, e flagrantes da chegada à Estação Marítima de Alcântara.

A Propósito de uma Exposição

20 ANOS DE ARTE FRANCESA

Sob os auspícios da Fundação Gulbenkian, realizou-se em Portugal, em fins de Maio de 1971, uma exposição da arte francesa depois de 1950. Foi organizada pelo notável crítico de arte Julien Alvard, que pretendeu, nesta mostra, salientar três das mais importantes tendências (em sua opinião) da arte francesa actual. Como impressão geral, achámos esta exposição pobre. Pareceu-nos haver ali «coisas» a mais e de certa forma repetidas, em detrimento de outras pesquisas e procuras em que a arte de hoje tão fértil é. A sistematização das tendências estéticas, nos dias que vão correndo, oferece dificuldades que, mesmo um crítico como Alvard, não está seguro de poder conseguir de forma definitiva.

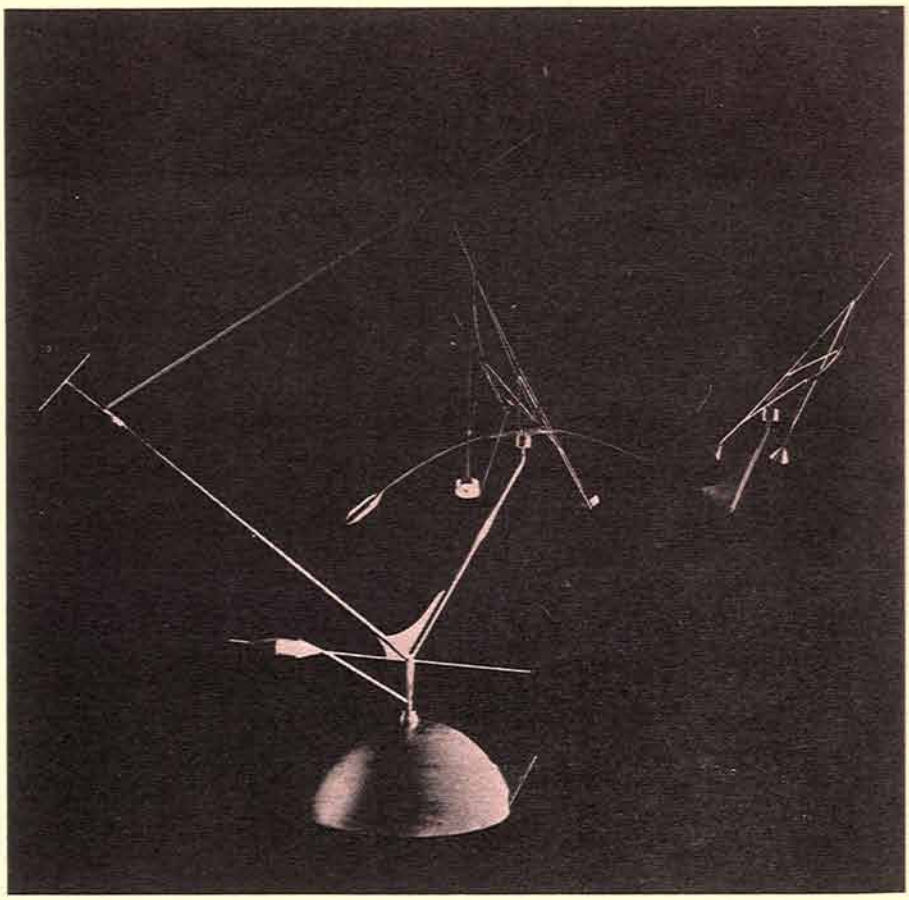
Certamente a arte dos nossos dias não se pode divorciar da ciência; daí as «tendências científicas». A técnica invade todos os sectores da vida e não surpreende que a linguagem científica influencie a imaginação dos artistas. Foram apresentados trabalhos com base em reacções químicas, pintando com ácido chapas de metal, obtendo daí configurações de valor estético duvidoso... Doutro tipo, e sem dúvida de interesse, são os trabalhos com recurso a circuitos eléctricos e relais e às propriedades magnéticas dos ímanes.

A escultura beneficia imenso de materiais novos a que a química vem emprestar valioso recurso. A era do super-sónico e da aventura espacial está patente, por exemplo, na escultura de Van Thienen – ARPÈGE II – a que um pequeno motor eléctrico, escamoteado na base, confere um movimento cheio de sugestões.

A difracção da luz é outro dos campos explorados por alguns artistas com efeitos de inegável beleza.

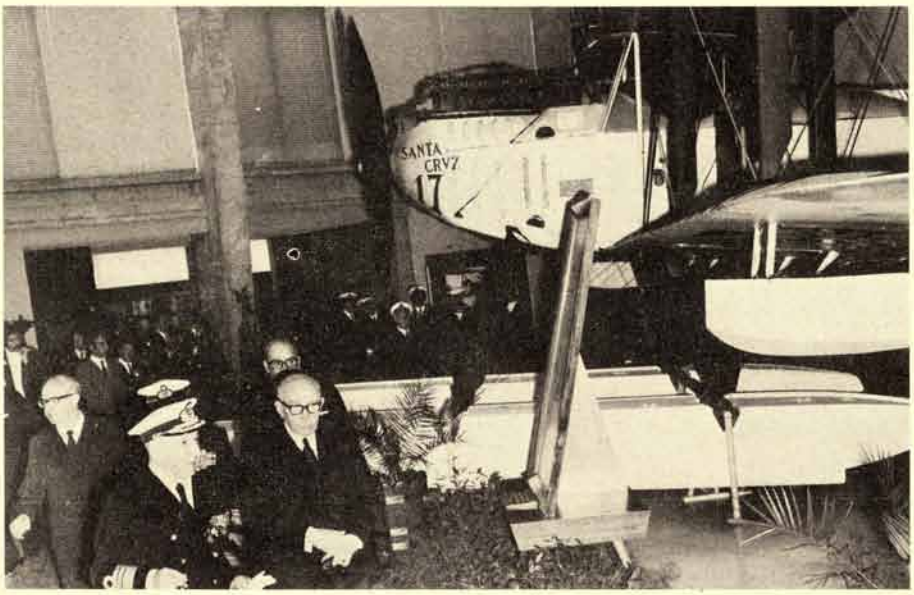
Em oposição a esta tendência «pseudocientífica» e de cariz tecnológico emerge a «tendência da Natureza» como reacção contra o mundo artificial em que vivemos. Poluição, confinamento, falta de

ARPÈGE II – de Van Thienen



EXPOSIÇÃO COMEMORATIVA DA 1.ª TRAVESSIA AÉREA DO ATLÂNTICO SUL

No Museu de Marinha foi inaugurada no dia 24 de Maio por Sua Excelência o Presidente da República uma exposição comemorativa do 50.º aniversário da travessia aérea Lisboa-Rio de Janeiro. Acompanhado do embaixador do Brasil, prof. dr. Gama e Silva, ministro da Marinha, elementos da comissão encarregada das comemorações daquele aniversário e altas patentes da Força Aérea e Armada, Sua Excelência o Chefe do Estado apreciou demoradamente a documentação e objectos expostos e assistiu à cerimónia da condecoração do capitão-de-fragata engenheiro maquinista naval Pereira Bastos, um dos pioneiros da aviação naval portuguesa, com a medalha militar de ouro de serviços distintos que o ministro da Marinha lhe impôs, em retribuição dos altos e valiosos serviços durante toda a sua vida dispensados à Armada.



UM MARINHEIRO DA FORÇA AFRICANA DE FUZILEIROS GALARDOADO COM O PRÉMIO GOVERNADOR DA GUINÉ

O ministro da Marinha recebeu no dia 25 de Maio no seu gabinete o marinheiro fuzileiro especial n.º 093/69/G Lutam Injai, do Destacamento n.º 21 de Fuzileiros Especiais, que veio à Metrópole no uso da licença conferida pelo Prémio Governador da Guiné.

Na presença do chefe do Estado-Maior da Armada, vice-almirante Ornelas e Vasconcelos; chefe do gabinete, contra-almirante Monteiro de Barros; comandante da Escola de Fuzileiros, capitão-de-mar-e-guerra Barahona Fernandes e 2.º comandante da Força de Fuzileiros do Continente, capitão-de-fragata Abel de Oliveira, o ministro da Marinha trocou impressões com o marinheiro Injai, a quem felicitou pelo bravo comportamento demonstrado em combate, tendo-lhe desejado as maiores felicidades na continuação da sua carreira militar e oferecendo-lhe algumas lembranças de carácter pessoal.

IMPORTANTE SEMINÁRIO SOBRE OCEANOGRAFIA MILITAR REALIZADO EM LISBOA

De 23 a 25 de Maio decorreu na Escola Naval, e sob a égide do Ministério da Marinha, um seminário sobre oceanografia militar, no âmbito da O. T. A. N., no qual tomaram parte cerca de 100 cientistas e altos comandos navais em representação de 11 países da O. T. A. N. e de diversas organizações militares também da O. T. A. N.

Foi director deste seminário o comodoro Luciano Bastos, tendo presidido à sessão inaugural o director-geral do Instituto Hidrográfico, contra-almirante Almeida Graça.

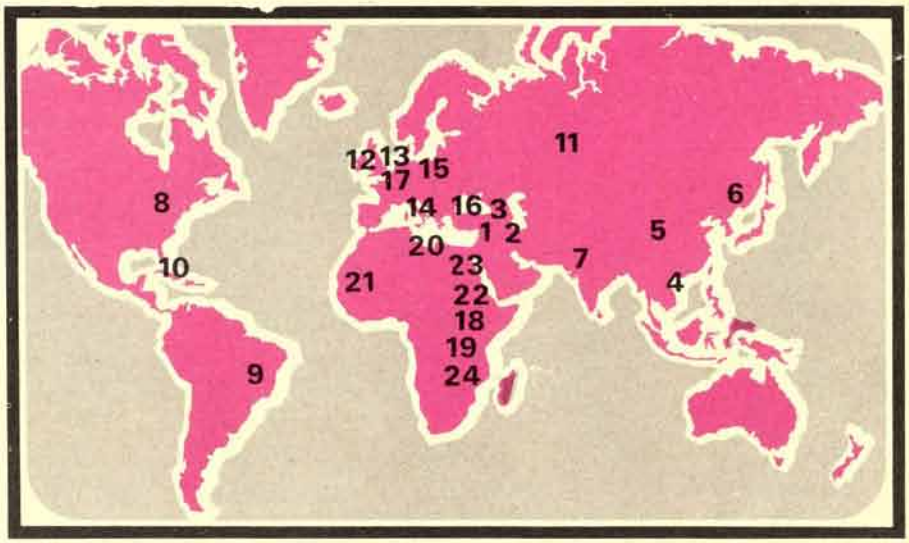
O principal objectivo desta importante reunião foi a apreciação do impacto dos rápidos progressos da oceanografia nas possibilidades da utilização dos meios navais, fundamentalmente no que toca à luta anti-submarina, na evolução das doutrinas tácticas no mar e na concepção e emprego de novos armamentos nos navios.

O DEPARTAMENTO MARÍTIMO DO NORTE TEM NOVO CHEFE

Realizou-se no passado dia 27 de Maio a transmissão dos cargos de chefe do Departamento Marítimo do Norte e capitão do porto do Douro do capitão-de-mar-e-guerra Carlos Alberto da Fonseca para o capitão-de-mar-e-guerra Ventura da Cruz.

À cerimónia, que foi muito concorrida, presidiu o comodoro Malheiro do Vale, intendente das capitanias.

no mundo aconteceu



NO MÉDIO ORIENTE

1 – *ISRAEL*

Um comando suicida japonês, ao serviço da Resistência Palestiniana, atacou passageiros e empregados que se encontravam no aeroporto de Telavive, causando, em poucos minutos, 26 mortos e 70 feridos.
Apenas sobreviveu um dos japoneses atacantes.

Efectuaram-se vários ataques armados israelitas a território libanês, os quais provocaram mortes e destruições, reunindo-se o Conselho de Segurança da O. N: U. para estudo deste agravamento da situação no Médio Oriente.

2 – *IRAQUE*

Os Governos do Iraque e da Síria nacionalizaram as instalações da Iraq Petroleum Company que estão implantadas nos dois países.

3 – *SÍRIA*

Aviões militares sírios sobrevoaram território ocupado por Israel e este país apresentou queixa do facto no quartel-general dos observadores da O. N. U., em Jerusalém.

NA ÁSIA

4 – *INDOCHINA*

Bombardeiros «B-52» dos Estados Unidos atacaram o maior complexo siderúrgico do Vietname do Norte, situado nos arredores da capital (Hanói).

O Senado de Saigão recusou ao presidente Thieu os plenos poderes que este pretendia.

5 – *CHINA*

O Governo recusa o uso incondicional dos seus portos aos navios mercantes soviéticos que transportam armamento destinado ao Vietname do Norte.

Encontra-se na capital chinesa o conselheiro presidencial americano Henry Kissinger.

O Governo grego reconheceu o Governo chinês.

Foi assinado um acordo com a União Soviética regulando as trocas de mercadorias e de pagamentos.

6 – *COREIA DO NORTE*

O secretário-geral do P. C. deste país declarou que as relações com os Estados Unidos podiam melhorar se este país retirasse as suas tropas da Coreia do Sul.

7 – *PAQUISTÃO*

O presidente Ali Bhuto revelou que não discutirá com a senhora Indira Gandhi, primeiro-ministro indiano, a questão da província Oriental durante as conversações que realizará na Índia.

NA AMÉRICA

8 – *ESTADOS UNIDOS*

Inundações em três estados, provocadas por chuvas tropicais, causaram dezenas de mortos e deixaram sem casa alguns milhares de pessoas. O presidente Nixon sobrevoou as áreas afectadas para se inteirar da situação.

As eleições presidenciais prosseguem

O governador da Califórnia, Ronald Reagan, efectua uma viagem de 3 semanas à Europa como enviado especial do presidente Nixon.

Angela Davis foi absolvida da acusação de assassínio, rapto e conspiração e projectou uma viagem de 9 semanas para agradecer aos que em todo o Mundo se solidarizaram com ela.

O dirigente sindical Cesar Chavez, que fez uma greve da fome por 24 dias, declarou ser uma «ironia terrível» os trabalhadores fazerem as colheitas com que o país se alimenta e não terem comida suficiente para dar aos filhos.

9 – *BRASIL*

O assaltante de um avião comercial, ao ver gorada a sua tentativa de desvio e exigência de resgate pela vida dos passageiros, pôs termo à vida.

10 – *CUBA*

O primeiro-ministro, Fidel Castro, efectuou uma prolongada visita a vários países do Leste europeu, tendo sofrido uma afecção cardíaca durante a sua estada em Varsóvia (Polónia).

NA EUROPA

11 – *RÚSSIA*

O documento assinado no Kremlin no termo da visita oficial do presidente norte-americano, com o título de «As bases das relações mútuas entre a U. R. S. S. e os Estados Unidos», no qual Nixon e Brejnev declaram haver divergências de pontos de vista dos dois Governos no que respeita à guerra na Indochina, faz ressaltar que enquanto Washington pretende pôr termo ao trágico conflito o mais depressa possível, competindo aos sul-vietnamitas decidir do seu futuro político, Moscovo mantém o seu total apoio à causa dos povos da região. Entre outros aspectos salientes do comunicado, referem-se os problemas do Médio Oriente, redução de forças dos pactos europeus (Varsóvia e Nato) e comércio bilateral. Os três dirigentes soviéticos, Brejnev (secretário do P. C./ /U.R.S.S.), Podgorny (presidente do Soviete Supremo da U. R. S. S.) e Kossyguine (presidente do Conselho) foram convidados a visitar os E. U. A. e aceitaram o convite.

Foi ratificado o tratado de não agressão celebrado em 1970 com a República Federal Alemã.

12 – *IRLANDA*

Continuam a registar-se no Norte da ilha actos de violência e terror, a que se aliam protestos, manifestações e orações pela paz. O I. R. A. determinou tréguas temporárias, o que abre, finalmente, algumas perspectivas de entendimento entre os irredutíveis opositores da velha e sangrenta «questão irlandesa».

13 – *INGLATERRA*

Foi sepultado no cemitério real de Frogmore o corpo de Eduardo VIII de Inglaterra que faleceu em Paris e, como duque de Windsor, fora notícia permanente das secções mundanas da imprensa internacional. Tendo abdicado da coroa inglesa em 1937, para se casar com a senhora Simpson, americana divorciada, vivia na capital francesa como simples cidadão e em exílio.

14 – *ITÁLIA*

A F. A. O. (organismo da O. N. U. que trata da agricultura e alimentação) apelou para a luta contra a febre aftosa na Grécia e Turquia, que ameaça todo o gado europeu.

Depois de ter estado representado no Governo durante os últimos dez anos, o partido socialista italiano foi agora dele excluído e compõem-no elementos sociais-democratas, liberais e democratas-cristãos, a que preside Giulio Andreotti (D. C.). O actual Governo do centro político italiano dispõe de escassas maiorias de 18 lugares no Parlamento e de 9 no Senado e é resultante das últimas eleições gerais no país.

Contràriamente ao que tem sido suposto, parece que o papa Paulo VI não tenciona resignar em Setembro.

15 – *ALEMANHA ORIENTAL*

Representantes científicos de 20 países reunidos em Dresden estudaram em conferência os problemas da poluição relacionados com o ruído, que vêm alarmando a humanidade.

Iniciou-se o debate com a Alemanha Ocidental sobre um tratado geral normalizando as relações entre os dois países.

16 – *TURQUIA*

O general Turum, comandante da lei marcial em Istambul, declarou que «foi quebrada a espinha da anarquia» que grassou no país, encontrando-se detidas 400 pessoas, 136 receberam condenações de 1 a 36 anos de prisão e 70 encontram-se sob vigilância.

17 – *FRANÇA*

A Universidade de Paris designou doutor *honoris causa* o célebre pintor espanhol Pablo Picasso.

NA ÁFRICA

18 – *UGANDA*

Foi descoberta e anulada uma conjura contra o Governo, que envolvia elementos do Exército e tinha o apoio de Israel, segundo informou o presidente Amin numa alocução radiofónica.

19 – *BURUNDI*

O papa Paulo VI declarou que o Burundi se juntou à Indochina e à Irlanda na lista dos países cuja situação de guerra provoca pungente amargura.

20 – *LÍBIA*

O Comando do Conselho da Revolução publicou um decreto segundo o qual é considerada alta traição, punível com a morte, a filiação num partido que não seja o oficial: União Socialista Árabe.

21 – *SENEGAL*

Foi assinado com a Espanha um acordo segundo o qual os pesqueiros espanhóis poderão utilizar as águas territoriais do Senegal, devendo 30% das tripulações ser constituídas por senegaleses.

22 – *SUDÃO*

O Exército sudanês está equipado de excelente armamento chinês, que o general Nimeiry, presidente da República, considera «uma prenda do povo chinês».

23 – *EGIPTO*

O primeiro-ministro egípcio, Aziz Sidky, rejeitou um protesto americano sobre declarações que formulara relativamente ao ataque terrorista japonês efectuado no aeroporto de Telavive considerando que «o Governo americano, culpado de genocídio no Vietname, não está em posição de julgar os outros».

24 – *RODÉSIA*

Na mina de carvão de Wankie deu-se um desabamento que deixou soterrados 464 mineiros depois de violenta explosão.

quarto de folga

PROBLEMAS PARA ENTRETER

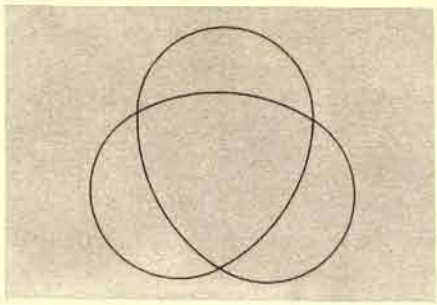
Apresentamos hoje, extraídos da mesma publicação que já anteriormente referimos, mais quatro problemas:

9.º

Quais são os três números inteiros e positivos cuja soma é igual ao seu produto?

10.º

Há uma corda que está no chão e que se apresenta com a configuração que a figura mostra. Estamos a uma distância tal da corda que não podemos aperceber-nos como é que se cruza (isto é, qual está por baixo ou por cima). Qual é a probabilidade de a corda estar de tal maneira que se faça um nó?



11.º

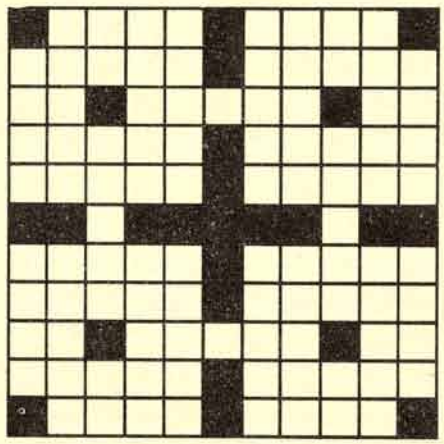
Juntando dois pequenos segmentos de recta transforme o número 11310 num homem.

12.º

Um rapaz e uma rapariga estão sentados nos degraus de uma escada (são difíceis de distinguir um do outro, o que hoje é vulgar).
«Eu sou um rapaz» diz o que tem o cabelo preto.
«Eu sou uma rapariga» diz o de cabelo ruivo.
Se pelo menos um deles estiver a mentir qual deles será o rapaz?

(Publicaremos as soluções no próximo número)

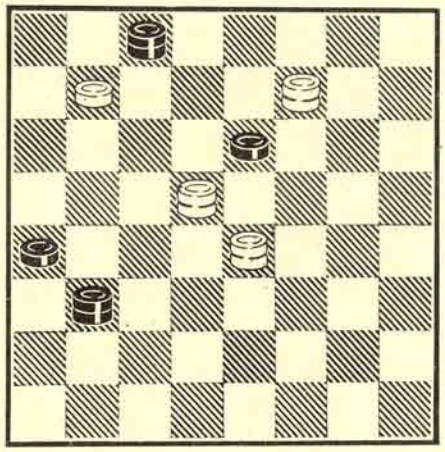
PALAVRAS CRUZADAS (Passatempo n.º 10)



Horizontais: **1** – Chefe da Igreja Católica; planta narcótica. **2** – Juntem; chama em socorro. **3** – Prefixo de origem árabe; sinal gráfico pelo qual se distinguem as cartas de um baralho; amónio (s. q.). **4** – Dar tacadas; seca. **5** – Armadilha; curas. **7** – Ferro velho; dais crédito. **8** – Determinar o peso de; velha. **9** – Antemeridiano; tanta coisa; interj. que exprime espanto. **10** – Girar sobre si mesmo; que padece de alalia. **11** – Imposto de transmissão; cilindro.
Verticais: **1** – Espiolha; espécie de tatu. **2** – Dos polos; demónios. **3** – Alumínio (s. q.); devoras; medida chinesa. **4** – Que impõe penas; folhas de ferro, delgadas e estanhadas. **5** – Adorara; rezara. **7** – Coberturas; olhar. **8** – Poema dramático originário da Itália, cantado com acompanhamento de orquestra; estátua de falsa divindade. **9** – Nome de letra; frade; o mais. **10** – Com asas; separo. **11** – Mulheres que amamentam; antigo vestuário de homem, largo com fraldão e abas.

(Solução na página n.º 34)

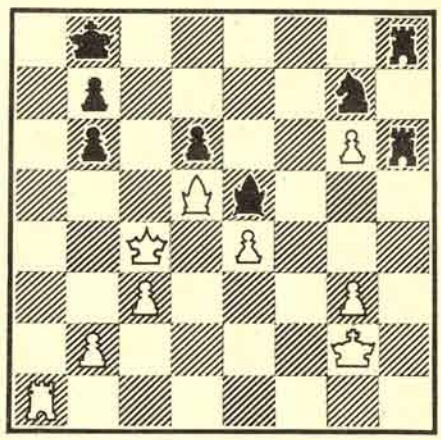
DAMAS



As brancas jogam e ganham.

(Solução na página n.º 34)

XADREZ



Jogam as brancas e dão mate em três lances.

HUMORISMO NO ENSINO

Redacções que ficaram célebres...

O leite

«O leite é para nós bebermos. O leite faz queijo e manteiga. O leite é branco e eu gosto muito de leite. O leite vem dos animais que dão à gente. Os animais que dão leite são: a vaca, a ovelha, os burros e o senhor prior da Mata da Mourisca que também dá leite mas é em pó.»

D. Fernando

«D. Fernando chamou-se o Formoso por ter mostrado o físico à Dona Inês de Castro. Dizem que fugiu com uma espanhola de mau porte, é o que faz ser bonito».

A vaca

«A vaca tem 4 patas: a dianteira, a traseira e depois o rabo que ainda tem pêlos. Debaixo da vaca está a leitaria. Com o rabo enxota as moscas. O marido da vaca é o boi. Não dá leite, por isso não é mamífero. Dos chifres da vaca, preparam-se botões de madrepérola. A vaca é muito útil.»

PROVÉRBIO CHINÊS

Enquanto não conseguires perdoar ao teu próximo o facto de ser diferente de ti, ainda estás longe do caminho que leva à sabedoria.

TESTE DE CULTURA

FILOSOFIA

1 – Mencione um filósofo anterior a Platão.
2 – Quem disse: «Penso, logo, existo»?
3 – Que filósofo moderno está ligado ao existencialismo?
4 – Indique um livro de Karl Marx.

Compilado por F. Bastos, 2.º gr.º RM

(Solução na página 34)

Não! Antes de vir o consentimento dos meus pais, não!

Desenho do comandante Augusto Soares de Oliveira.

CONCURSO N.º 10

Sorteio de um prémio entre as respostas certas.

O sr. Branco, o sr. Encarnado e o sr. Cinzento, almoçavam juntos. Um deles tinha uma gravata branca; outro uma encarnada, e o terceiro, uma cinzenta.

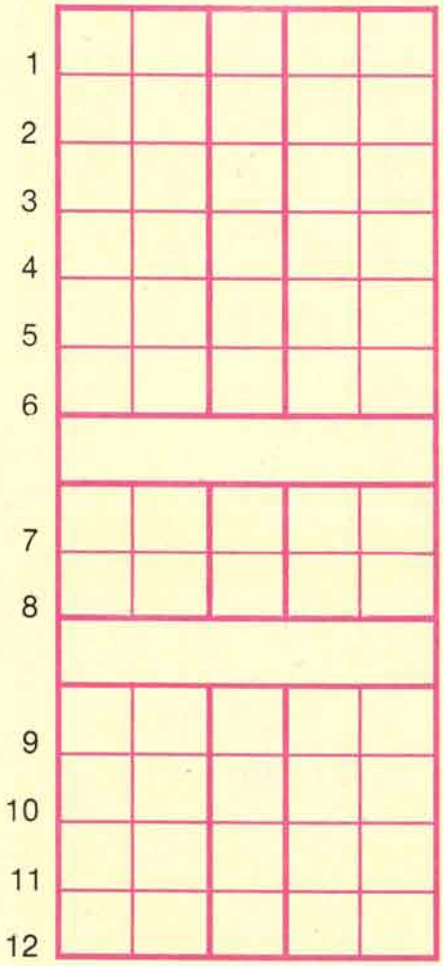
– É curioso – diz o da gravata encarnada –, as cores das nossas gravatas coincidem com os nossos nomes, mas nenhum de nós tem a gravata correspondente ao seu nome.

– Com efeito, você tem razão – respondeu o sr. Branco!

Qual era a cor da gravata de cada um?

F. Bastos
2.º gr. RM

PILHA DE PALAVRAS



1 – Retribuir.
2 – Calamidade.
3 – Cão.
4 – Aliança.
5 – Parente.
6 – Areal.
7 – Cortar a rama inútil das árvores.
8 – Traçado.
9 – Testemunho.
10 – Lugar onde se embarca ou desembarca.
11 – Mentiras.
12 – Dito engraçado.

Depois de resolvido este passatempo, na coluna central o leitor encontrará o nome de um ilustre médico e naturalista português, autor de «Colóquios dos simples e drogas, e coisas medicinais da Índia». Este passatempo apresenta a particularidade de as palavras se iniciarem pela letra «P».

(Solução nesta página)

SOLUÇÕES

PROBLEMAS PARA ENTRETER

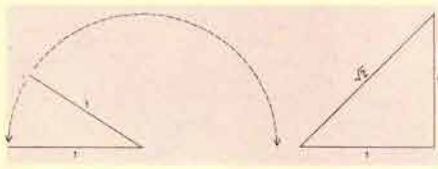
(Soluções dos problemas publicados no número anterior)

5.º – A linha curva preta divide o plano num certo número de zonas. Agora, seguindo ao longo da linha colorida, é evidente que ao entrarmos em cada zona devemos também sair dela se quizermos chegar de novo ao ponto de partida. Como cada entrada e saída constitui um par de pontos de cruzamento, o número total desses pontos será sempre par.

6.º – 2,3.

7.º – Duas vezes e meia mais alta.

8.º – Com um dos lados a servir de base, rode-se o outro e veja-se que o triângulo resultante terá maior área à medida que a respectiva altura aumenta (veja a figura). A maior altura possível corresponderá a um triângulo rectângulo isósceles. Portanto, o outro lado será a hipotenusa deste triângulo ou seja a raiz quadrada de 2.



PALAVRAS CRUZADAS

Horizontais: 1 – Papa; coca. **2** – Colem; apela. **3** – Al; naipe; Am. **4** – Tacar; árida. **5** – Arola; saras. **7** – Adelo; fiais. **8** – Pesar; idosa. **9** – AM; tanto; oi. **10** – Rolar; alalo. **11** – Sisa; rolo.

Verticais: 1 – Cata; apar. **2** – Polar; demos. **3** – Al; comes; li. **4** – Penal; latas. **5** – Amara; orara. **7** – Capas; fitar. **8** – Ópera; ídolo. **9** – Cê; irmão; al. **10** – Alada; isolo. **11** – Amas; saio.

DAMAS
SOLUÇÃO

1. – e 4 – d 3 ..... c 8 x a 6
2. – d 3 – c 4 ..... b 3 – a 2
3. – c 4 – b 5 ..... a 6 x c 4
4. – d 5 x b 3

e ganham as brancas.

Feita a jogada 1:

e 4 – d 3 ..... c 8 x a 6, d 3 – c 4 há outra sequência de jogo em que as brancas também ganham. Sabe qual é?

TESTE DE CULTURA
FILOSOFIA

1 – Sócrates
2 – Descartes
3 – Jean-Paul Sartre
4 – «A questão dos Sindicatos»

PILHA DE PALAVRAS

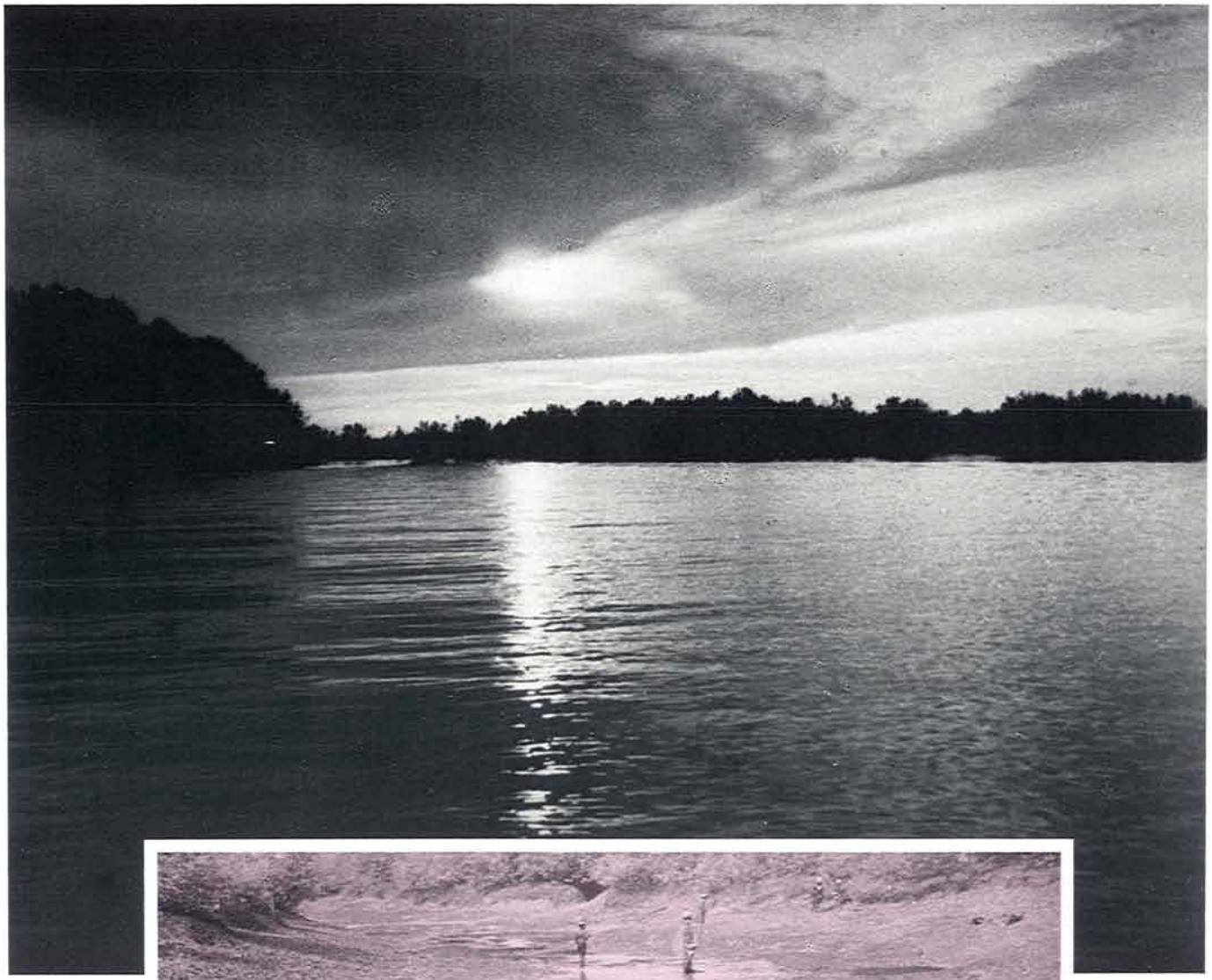
1 – Pagar. **2** – Praga. **3** – Perro. **4** – Pacto. **5** – Prima. **6** – Praia. **7** – Podar. **8** – Plano. **9** – Prova. **10** – Porto. **11** – Petas. **12** – Piada. (GARCIA DA ORTA).

SOLUÇÃO DO CONCURSO N.º 8

Trata-se de um nascer do Sol, dado que a bandeira no navio de guerra não está içada e o Sol se encontra acima do horizonte.
Vencedor: José Manuel Lopes Rio, aluno n.º 2-4.ª Comp., do I. T. M. Pupilos do Exército.

GUINÉ

Fotos de Ramiro Magalhães – Cabo F



Pôr do Sol num rio

Bissau Pescando na Bolanha

AÇORES

S. Miguel
Lagoa das Furnas

CABO VERDE

Santiago
S. Jorge dos Órgãos

Foto do cap. ten. AN
Caeiro Junça

GUINÉ

Ramadão

Foto do cap. ten. EMQ
Amaro de Andrade